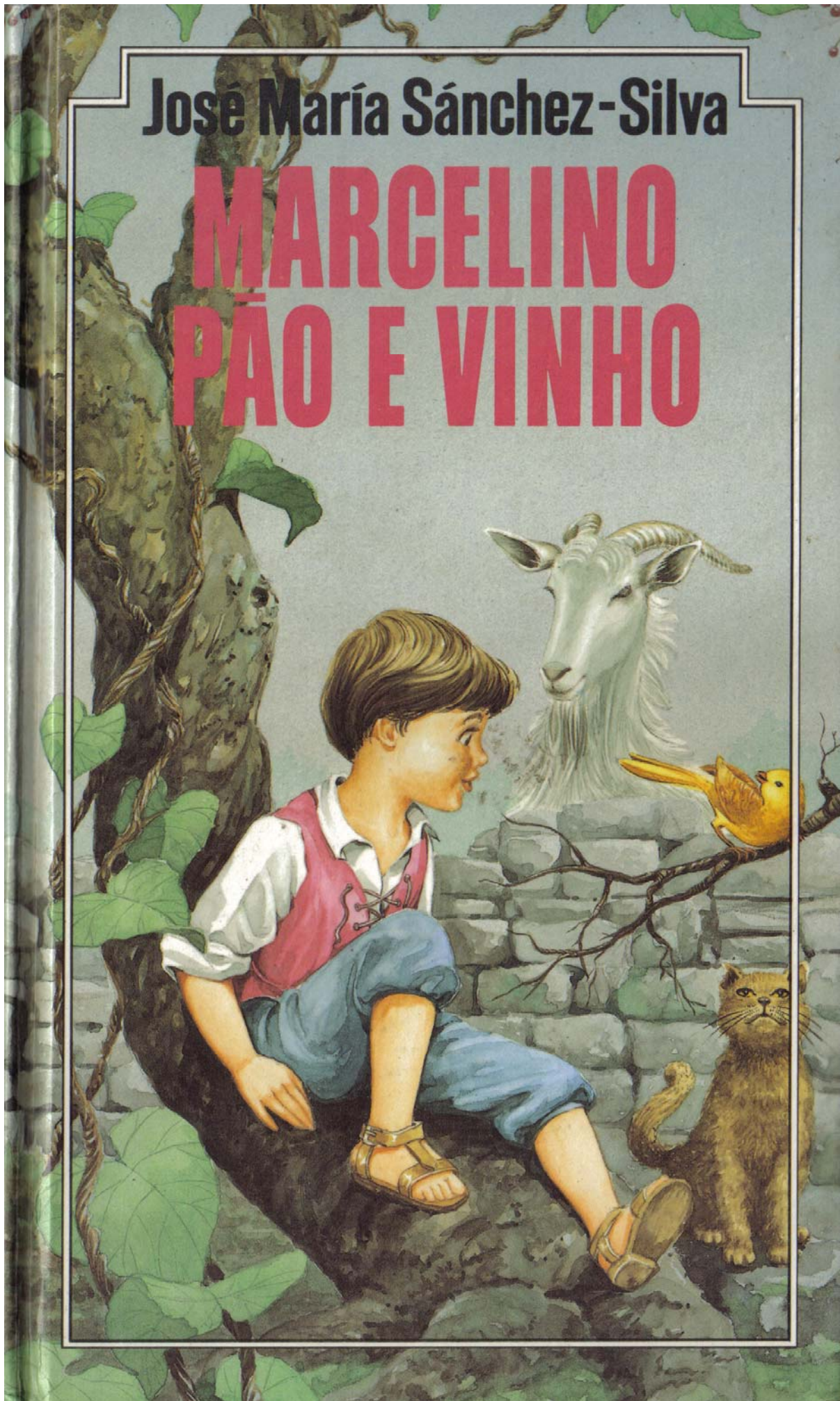


José María Sánchez-Silva

MARCELINO PÃO E VINHO



“Marcelino nunca tinha visto um crucifixo tão grande com um Jesus Cristo do tamanho de um homem pregado na cruz, alta como uma árvore. Aproximou-se da cruz e, ao olhar fixamente o rosto do Senhor, o sangue que lhe gotejava da fronte pelas feridas da coroa de espinhos, as mãos e os pés cravados na madeira e a grande chaga do lado, seus olhos se encheram de lágrimas. Jesus tinha os olhos abertos e, com a cabeça um pouco inclinada sobre o braço direito, não podia ver Marcelino. O menino foi dando a volta até colocar-se debaixo do seu olhar. Jesus estava muito fraco e a barba caía-lhe aos borbotões sobre o peito; tinha as faces encovadas e seu olhar despertava muita pena em Marcelino. Marcelino vira muitas vezes Jesus, mas sempre pintado no quadro do altar da capela ou em crucifixos pequenos, como se fossem de brinquedo, nos rosários dos frades. Mas nunca havia visto um 'de verdade' como agora, com todo o corpo nu e que se podia contornar com os braços, havendo espaço por trás. Então, tocando-lhe as pernas magras e duras, ergueu os olhos para o Senhor e disse-lhe, sem rodeios:

— Você tem cara de fome!”

A inocência, a curiosidade, a pureza da alma de uma criança estão eternizadas nesta moderna fábula, já publicada em 26 idiomas, em mais de cem países, como uma verdadeira lição de amor e poesia a este mundo tão conturbado pelo ódio e pela violência.

Nesta sensível tradução de dom Marcos Barbosa, *Marcelino pão e vinho*, o clássico hispano-americano de José Maria Sánchez-Silva, ganhou um novo esplendor, não o da película cinematográfica apenas, mas o toque místico de um homem voltado para as coisas e a gente de Cristo.

A comovente história do recém-nascido deixado à porta de um paupérrimo convento de frades franciscanos na Espanha e sua conseqüente adoção pelos religiosos, sua vida de menino, com sentimentos e ações iguais aos de qualquer criança. Suas pequenas crueldades com os animais, travessuras e questionamentos, sua ansiosa busca do desconhecido; seu crescimento interior e sua grande viagem... Tudo isso é mostrado ao leitor de maneira singela e envolvente para que cada um se surpreenda ao encontrar um pouco do menino Marcelino e seu amigo Manuel na criança que cada um tem dentro de si.

Ilustrações: Mário Pacheco

José María Sánchez-Silva

Marcelina Pão e Vinho

Tradução de
DOM MARCOS BARBOSA



Título original espanhol
MARCELINO PAN Y VINO

Copyright © 1962, 1982 by José Maria Sánchez-Silva

Primeira parte

Marcelina
Pão e Vinha

Há coisa de cem anos, três filhos de São Francisco pediram ao prefeito de um povoado que os deixasse morar numas ruínas abandonadas, a duas léguas dali, de propriedade do município.. O prefeito, homem religioso, logo lhes concedeu licença, sem sequer consultar os vereadores. Partiram pois os frades, não sem antes o abençoarem. E, chegando às ruínas, começaram a planejar um abrigo para passar a noite.

O local tinha sido uma granja, de onde os vizinhos do povoado tentaram opor resistência aos franceses que invadiram a Espanha por volta de 1800, ou ao menos desviá-los do vilarejo. Entre os frades, um jovem decidido e engenhoso viu logo por onde começar: lá estavam, se bem que nem todas inteiras, as grandes pedras usadas na construção primitiva. Nas proximidades havia árvores para lenha, e pouco adiante corria um regato que não os deixaria morrer de sede. Mas como o dia já chegava ao fim, apesar de terem saído do povoado antes do amanhecer (vinha com eles um velho trôpego), o bom frade decidiu começar pelo princípio: estendendo sobre alguns troncos uma velha manta, improvisou entre as pedras um vão coberto. Tendo acendido um fogo e instalando ali o ancião, mandou o outro buscar água, enquanto assava nas brasas as batatas que uma mulher lhes dera. Terminadas as orações e a parca ceia, e com o cair da noite, entregaram-se os três ao sono, para no dia seguinte, sempre sob as ordens do mais diligente, começarem o trabalho.

Assim se iniciou a reconstrução da grande casa isolada, que vamos encontrar, cinquenta anos mais tarde, muito diferente. É uma construção tosca e simples, mas parece sólida, tendo às vezes abrigado das tempestades peregrinos e pastores. Sobre o primeiro andar bem grande, ergue-se outro menor; rente à casa, dentro de um cercado de pedras, uma horta fornece aos frades boa parte do que comem. No primeiro andar localizam-se a pequena capela da comunidade, as celas, o refeitório e a cozinha com a respectiva dispensa; no de cima há outras

celas e um amplo depósito, onde se guardam coisas maiores e de pouco uso; à direita, no topo da velha e carcomida escada, há um sótão que uma janelinha mal ilumina.

Agora já não são três, mas doze frades. Dois daqueles primeiros já morreram e o terceiro, velho e enfermo, é justamente o que conhecemos tão jovem e empreendedor. Os frades possuem seu cemitério no fundo da horta e vivem rezando e trabalhando, sendo muito úteis para a região: os quatro ou cinco sacerdotes podem dizer missa aos domingos e dias de festas nos povoados vizinhos onde não há padre. Podem também batizar os que nascem, casar os jovens, enterrar os velhos, levar imagens em procissão nos dias tradicionais, além de dar conselhos, consolo e perdão aos que se confessam. Continuam a viver de esmolas, e há cerca de dez anos quase os perdíamos para sempre: morto o antigo prefeito, o novo chegou um dia ao convento montado em seu burro, a fim de perguntar-lhes com que direito ocupavam aquele lugar. Como respondessem com grande doçura e humildade que estavam prontos a abandonar a casa que haviam construído a partir de ruínas, alguns deles inclusive já dispostos a pôr-se em caminho, o prefeito voltou atrás, declarando que ainda podiam ficar por algum tempo. Anos depois, morria também esse prefeito; o novo, neto aliás daquele primeiro, confirmou o ato do avô, conseguindo até que os vereadores aprovassem uma permissão provisória. De dez em dez anos devia a comunidade renovar o pedido de licença. Mas foram tão grandes os benefícios para os povoados vizinhos, que certo dia a Assembléia comunicou ao Padre Superior a resolução de presentear os frades para sempre com o terreno e a casa. Ao que o Padre Superior replicou ser aquele o melhor meio de expulsá-los dali, já que não podiam possuir nada de próprio, devendo viver apenas de esmolas.

Devido ao trabalho e amor que punham em tudo, o convento, ao cabo de certo tempo, parecia não apenas sólido, mas até bonito. Com água tão perto, os frades trataram de plantar árvores, arbustos e flores, sem falar na magnífica horta, tudo muito limpo e organizado. Foi então que, certa manhã (estava nascendo este século), quando os galos ainda dormiam, o irmão porteiro ouviu um choro junto à porta, apenas encostada.



Apurou mais o ouvido e acabou saindo, para verificar o que era. Embora bem longe, no lado do oriente, o dia ameaçasse clarear, ainda era noite. O irmão deu alguns passos em direção ao que estava ouvindo, quando quase tropeçou numa espécie de trouxa de roupa que se mexia. Aproximou-se. Os rumores não eram mais que o choro de um recém-nascido, abandonado há poucas horas. O bom irmão recolheu a criaturinha e entrou no convento. Para não despertar os que bem mereciam dormir, cansados de seus trabalhos e caminhadas, entreteve o menino como pôde: nada lhe ocorrendo de melhor, embebeu com água um chumaço de linho e o deu para o bebê chupar, após o que ele pareceu conformar-se com o silêncio exigido.

Muito longe, o primeiro galo cantou. O irmão, com o menino nos braços, ouviu o galo deslizar silenciosamente para o pátio, como costumava fazer àquela hora, para caçar não se sabe que bichinhos ainda sonolentos. Já era hora de tocar o sino e de contar aos frades o seu achado. O pequenino havia fechado os olhos e por fim adormecido ao calorzinho do áspero hábito do irmão. Ainda bem que estavam na primavera e o frio já cessara; do contrário, o pobrezinho teria corrido o risco de morrer gelado. Ao soar do sino, toda a casa se pôs em movimento. Quando o irmão apresentou o menino ao Padre Superior, este não pôde conter o espanto, como os demais irmãos, à medida que também acorriam às exclamações de surpresa. O irmão porteiro explicava e tornava a explicar como tudo acontecera, enquanto os frades continuavam a sorrir e a mover as cabeças com terna compaixão. O problema, contudo, não era dos menores. Que iriam fazer com o menino? Não tinham meios de criá-lo e de cuidar dele. O Padre Superior decidiu que um dos irmãos deveria levar a criança para um povoado próximo e entregá-la às autoridades, Mas o irmão porteiro e alguns dos padres mais jovens não viram com bons olhos tal ordem. E foi Frei Bernardo o primeiro a levantar um obstáculo:

— Padre, não devíamos antes batizá-lo?

A idéia teve a virtude de acalmar todo mundo. O Superior consentiu em adiar a partida até que o menino se tornasse cristão. Já se dirigiam à capela do convento, quando Frei Gil deteve a comitiva com a pergunta:

— E que nome vamos dar a ele?

Vários deles já tinham nos lábios o de São Francisco, quando o irmão porteiro, talvez um pouco atrevidamente, arriscou:

— Não acha Vossa Paternidade que lhe podíamos dar o nome do santo de hoje?

Era o final de abril e celebrava-se naquele dia a festa de São Marcelino. Foi, pois, o nome escolhido. Em breve, o novo cristão Marcelino chorava sob a água do batismo, como antes ficara quietinho ao sentir o gosto do sal. Encontrar o menino causara alegria a todos, a ponto de sentirem-se pesarosos, quando já haviam partido os que saíam mais cedo, só de pensar que ficariam sem aquele que a vontade de Deus lhes pusera à porta. Enquanto cuidavam das plantas, um irmão disse ao outro de repente:

— Eu tomaria conta dele, se me deixassem...

O outro pôs-se a rir e perguntou-lhe como pensava criá-lo.

— Com o leite da cabra — respondeu logo o primeiro.

Poucos meses atrás o convento recebera de presente uma cabra, cujo leite se destinava sobretudo ao frade enfermo e velhinho, que fundara o convento.

O Padre Superior, no entanto, não havia perdido tempo, encarregando cada frade de perguntar, por onde quer que fosse, a quem poderia pertencer o menino e o que poderiam fazer por ele as autoridades locais. Tencionava confiar a criança, nas melhores condições possíveis, aos que se apresentassem como parentes ou às autoridades que oferecessem mais garantias. Com estas e outras coisas, foi-se a manhã. E, quando o Padre Superior, já decidido a ficar com o menino ao menos naquele primeiro dia, fingiu, só para ver a reação dos frades, encarregar um deles de levá-lo ao povoado, vários logo se aproximaram humildemente. Rogaram-lhe que não o fizesse, adiando tal providência ao menos para o dia seguinte, já que era meio tarde e o menino poderia resfriar-se pelo caminho. O Superior alegrou-se muito com aquela suave oposição e consentiu que o menino ficasse por um dia.

À hora do Ângelus, voltaram os frades que haviam saído de manhã. Relataram ao Superior tudo que lhes havia acontecido; e, como se estivessem combinados, abanavam a cabeça com desconfiança quando interrogados sobre as determinações das autoridades às quais haviam levado o caso. Todas alegaram que seu povoado era muito pobre, que não tinham a mínima idéia de quem poderia ter abandonado a criança, e que seria necessário proporcionar uma ajuda financeira à família que se ocuparia do menino, se é que alguma o quisesse. Tudo isso não deixava de ser verdade, pois a comarca não era rica e sofrera recentemente grande seca, que havia arruinado a maior parte das famílias. O Padre Superior ficou encarregado de empreender uma última tentativa, seja junto a um prefeito de sua maior confiança, seja junto a famílias caridosas que conhecia. Falou também aos irmãos em escrever a alguns conventos da Ordem em cidades maiores e distantes. Com tudo isso, os frades perceberam que o pequenino por ora ficava em casa, o que lhes proporcionou grande e silenciosa alegria naquela noite. Marcelino foi confiado à vigilância do irmão porteiro. Na hora apazada todos se entregaram ao descanso, menos o que serviria de ama-

seca, que experimentou várias vezes o leite de cabra destemperado com água, sem que o menino fizesse objeção alguma.

Assim amanheceu o dia seguinte e vários outros. Apesar das ordens terminantes do Superior, sempre acontecia alguma coisa, não se sabia como, que impedia a saída de Marcelino. Às vezes era um dos frades com a notícia de que as negociações estavam adiantadas com certa família; outras vezes era algum vizinho que, sabendo da existência do menino, vinha oferecer mantimentos para a criação de Marcelino. Naqueles dias o irmão porteiro adoeceu e veio a morrer, não sem antes haver suplicado aos frades que ficassem com o menino para sempre e o educassem no santo temor de Deus, fazendo dele um bom franciscano. Enfim, como haviam passado os dias, começaram a passar também as semanas e até os meses, enquanto Marcelino, cada vez mais esperto, alegre e bonito, continuava no convento, criado a leite de cabra e com as saborosas papinhas inventadas pelo irmão cozinheiro. Ao cabo de um ano, aproveitando uma viagem, o Padre Superior conseguiu uma autorização do vigário provincial: Marcelino, por assim dizer, ingressava oficialmente na comunidade, de onde ninguém poderia retirá-lo, a não ser os pais, se um dia aparecessem. O menino então cresceu como a alegria do convento sendo também, às vezes, motivo de preocupação. Embora fosse bom como o pão, nem sempre eram boas as suas ações. As frutas que furtava no pomar, as travessuras na capela e uma ou outra doença deram boas dores de cabeça aos pobres frades. No entanto, todos o queriam como um filho ou irmão ao mesmo tempo, e o pequeno também os adorava a seu modo.

Quando já tinha quase cinco anos, Marcelino era um garoto robusto e abelhudo, conhecendo de longe todas as coisas que se moviam, como também as que estavam bem quietas. Sabia da vida de todos os animais do campo, sem falar da dos frades. Tratava cada um de um jeito, dando-lhes às vezes nomes diferentes. Assim, o Superior era simplesmente “o Padre”; o ancião enfermo era “Frei Dodói”; o novo porteiro era “Frei Porta”; Frei Bernardo, aquele que propusera batizar o menino, era “Frei Batizo”. Até o irmão cozinheiro ficou sendo “Frei Papinha”, em lembrança das primeiras sopas que lhe dera. Os frades não podiam aborrecer-se com Marcelino, não só porque o amavam tanto, como por acolherem com grande satisfação as suas proezas, celebradas às vezes com gostosas risadas. Sobretudo o padre doente gostava de ser chamado “Frei Dodói”, alegando, em sua grande santidade, não estar apenas doente do corpo, mas da alma, e que sua bendita enfermidade o tornava um Judas na companhia do Cristo e dos Apóstolos, já que os frades eram doze e ele só dava trabalho e transtorno aos companheiros, em vez de ajudá-los. (Frei Dodói era um santo reverenciado por todos, que até o Padre Superior consultava em casos difíceis.)

Abaixo do amor dos frades a Deus Nosso Senhor e da obediência ao Superior, vinha Marcelino, o rei da casa, de cujo recinto e arredores apenas saía algumas vezes, para as pesquisas relativas ao seu nascimento e abandono. Assim Marcelino, ora com um frade ora com outro, havia acabado por conhecer os povoados vizinhos, motivo de grande surpresa e diversão para ele, mas sem nenhum resultado: seus pais não apareciam e ninguém dava notícia de havê-los conhecido. Concluíram então os frades que fora enfeitado por mulher ou homem de outro lugar, de passagem por ali: não podendo criar o menino, julgaram que os bons franciscanos o fariam por amor a Deus. Marcelino passava, portanto, grande parte do dia sozinho, brincando e pensando em suas coisas, quando não ajudava os frades em pequenos trabalhos ao seu alcance. Frei Batizo fizera-lhe um

carrinho, primeiro e maior brinquedo de Marcelino, com o qual ajudava às vezes na horta, transportando um melão (mais não cabia), um punhado de batatas, ou até vários cachos de uva. Mas os animais é que eram seus verdadeiros brinquedos. A velha cabra, sua ama-de-leite, era o favorito. Às vezes chegavam a conversar:

— O sapo, que deixei num pote de água tapado com uma pedra, fugiu de novo.

E a cabra abanava filosoficamente a cabeça, bem rente à de Marcelino, como a dizer que também lamentava isso e que realmente acontecem coisas muito estranhas com os sapos.

Com o tempo, a pequena horta dos frades havia ganhado um muro. Ali, certas horas do dia, Marcelino divertia-se em perseguir as lagartixas ou então ficava apenas vendo-as se mover graciosamente ao sol, com suas vivas cores, barrigas esbranquiçadas e olhinhos com cabeças de alfinete, brilhantes e redondos. Nem sempre Marcelino era um bom menino, divertindo-se em partir ao meio uma lagartixa, para ficar olhando como a cauda, separada do corpo, continuava a mover-se por muito tempo. As tesourinhas e outros pássaros também o divertiam, pois Frei Blém-Blém (o sacristão que tocava o sino da capela) lhe ensinara a armar laços e arapucas para toda espécie de bicho. Suas vítimas ou presas preferidas eram as grandes aranhas inofensivas que encontrava por ali, as moscas, as famosas libélulas, as mariposas, os besouros, os gafanhotos e até mesmo os escorpiões, aos quais sabia arrancar muito habilmente o ferrão venenoso. Certa vez um deles deu-lhe uma ferroadinha, e Marcelino recordava ainda as terríveis dores de que padecera, embora Frei Porta houvesse chupado o veneno com a boca. Desde então, tinha jurado vingar-se. Soube por um lavrador que havia muitos escorpiões por ali e que costumavam condená-los a morrer ao sol, que os bichos não podiam suportar por viverem sempre entre as plantas e debaixo das pedras, em lugares frescos e escuros. Às vezes, escondido dos frades, Marcelino saía a caçar escorpiões: levantava as pedras e mexia com um pau nas plantas do muro: quando o nojento animal, como um caranguejo estranhamente vermelho, aparecia, arrebatava-lhe num golpe a bolsa de veneno; em seguida, com um pau mais fino, fígava-o no meio do corpo e o levava, assim transpassado, para morrer ao sol. Tais façanhas custaram-lhe, muitas vezes, boas

reprimendas e puxões de orelha.



Ao regressar de suas caçadas, a grande preocupação de Marcelino era conservar seus bichos, em potes de água, quando eram rãs ou sapos, ou em caixas com pequenos furos, quando eram besouros ou gafanhotos. A cada manhã verificava surpreso que as caixas e os potes estavam vazios: os prisioneiros tinham fugido durante a noite. Jamais desconfiou que os bons frades, conhecendo seus maus costumes, libertavam, enquanto ele dormia, os animaizinhos de Deus.

Nem sempre Marcelino era cruel para com os bichos. Mais de uma vez

ajudara o velho Mochito — o gato do convento — já quase cego e sem uma orelha, que perdera quando jovem em terrível batalha com um cachorro — a caçar ratos. Mochito era o que se podia chamar de vegetariano, pois quase não entrava carne naquela santa e pobre casa: comia o que lá houvesse, como vagens ou batata com cenoura.

— Não, rapaz, por aí não — dizia Marcelino a Mochito quando saíam a caçar.

Valendo-se de paus ou de pedras para tapar os buracos, Marcelino constituía valiosa ajuda para Mochito; quando o rato ficava encurralado, desesperava-se ao ver o gato tão entretido e calmo a brincar com a vítima, cortando-lhe o caminho ou dando-lhe pancadinhas com a pata.

— Assim ele sofre mais — dizia Marcelino, imitando o que os frades lhe diziam; e, intervindo com o seu porrete, matava o prisioneiro com um só golpe. — Pode ficar com ele!

Porém Mochito não era partidário da violência nem dos espetáculos sangrentos. Uma vez convencido de que o rato já não se mexia, voltava tristemente para Marcelino os seus olhos meio cegos, como a dizer-lhe:

— Por que o matou? Não viu que eu estava me divertindo?

Às vezes, observando Marcelino em suas intermináveis conversas consigo mesmo e com os animais do campo, os frades exclamavam entre si:

— Parece um pequeno São Francisco...

São Francisco coisa nenhuma! Marcelino era capaz de levar uma formiga sobrecarregada até o seu destino, mas também podia tapar com terra o formigueiro, para ver as pobrezinhas, desorientadas, interromperem o itinerário e começarem a correr sem direção, como se já não soubessem onde estavam.

Marcelino sempre contava em suas brincadeiras com um personagem invisível. Era o primeiro garoto que conhecera em sua vida. Certa vez, uma família em mudança Obteve do Padre Superior permissão para acampar junto ao convento, por causa da água e de outras coisas necessárias. Vinha com eles o filho menor, que se chamava Manuel, e pela primeira vez Marcelino entrou em contato com alguém de sua idade. Jamais esquecerá aquele garoto com quem trocara apenas algumas palavras enquanto brincavam. Desde então, Manuel estava sempre a seu lado em pensamentos; parecia tão presente, com a sua

franjinha vermelha sobre os olhos e o nariz escorrendo, que Marcelino chegava a dizer-lhe:

— Sai daí, Manuel; você não vê que está me atrapalhando?

Algumas vezes perguntava a si próprio qual a sua origem e família, quem seriam sua mãe e seu pai, e mesmo seus irmãos, como sabia que os outros meninos possuíam. Havia chegado a perguntar a dois ou três dos seus frades prediletos, sem obter outra resposta além da história do dia em que foi achado às portas do convento. Se insistia demais sobre a existência de sua mãe, obtinha apenas um gesto que lhe parecia muito vago, acompanhado de poucas palavras:

— No céu, meu filho, no céu.

Marcelino julgava que as pessoas grandes sabem e podem tudo; porém, como era bom observador, entendia também que às vezes se enganavam. Por que não poderiam enganar-se quando diziam que sua mãe estava no céu, se nunca a tinha visto lá em cima, por mais que fitasse o céu? Era um menino muito esperto e, por ter vivido sozinho a maior parte da existência, observava muito bem as coisas, aproveitando-se dos descuidos dos frades, não só para apanhar escondido alguma fruta (pois outras guloseimas não existiam na pobre comunidade), como também para escapar de alguma tarefa que lhe houvessem confiado. Neste paraíso, constituído pelo convento, a horta e o campo ao redor, só havia uma árvore do Bem e do Mal, só uma proibição pesava sobre o menino: a de subir as escadas do celeiro e do sótão, muito estragadas e perigosas para uma criança. Inicialmente, os bons frades o tinham assustado, dizendo que ratazanas desciam dali às dúzias, grandes e pretas, de caudas compridas, bigodudas e com terríveis dentes que pareciam alfinetes. Mas em breve Marcelino entenderia melhor de ratazanas que os próprios frades. Então, para conter sua curiosidade, disseram-lhe que lá se escondia um homem muito alto, que podia apanhá-lo e levá-lo para sempre. Apesar disso, Marcelino contemplava melancolicamente a escada proibida e não se passava um dia sem que tencionasse subi-la na manhã seguinte, quando os frades saíssem do convento, ficando apenas o cozinheiro, o porteiro e os que trabalhavam na horta, entretidos com suas tarefas. Por um motivo ou outro, Marcelino não chegara a realizar o ousado projeto, sobretudo porque uma vez, ao tentar colocar o pé no segundo degrau, um estalido da madeira o deixou de cabelo em pé.

Após muito pensar, conseguiu aperfeiçoar seu plano: subiria descalço, deixando as sandálias junto à escada e, antes de colocar o pé em cada degrau, verificaria com um porrete onde a escada fazia mais ou menos barulho. Difícil era subir os quinze primeiros degraus, pois podia ser visto lá de baixo por qualquer pessoa: porém, transposto o cotovelo formado pela escada, estaria salvo e continuaria a exploração sem perigo.

Assim pensou, assim fez. Aproveitou uma tarde tranqüila, quando diversos afazeres mantinham os frades espalhados ou ausentes, só estando no convento o irmão da horta, o frade da cozinha (Frei Papinha, que também fazia as vezes de porteiro na ausência de Frei Porta) e o velho Frei Dodói, deitado em sua cela. Marcelino pegou um bom porrete, tirou as sandálias e, com elas numa das mãos e o porrete na outra, começou lentamente a subida da escada. Só apoiava os pés na parte dos degraus que não estalasse. Subia devagarinho e com o coração aos pulos, por estar fazendo uma coisa proibida. Mas não era capaz de descer e cumprir as ordens que lhe tinham dado. Quando conseguiu dobrar o cotovelo da escada, respirou mais tranqüilo. Pouco além estavam, ao seu alcance, o depósito e o sótão. Ouviu então que o chamavam da horta.

— Marcelino! Marcelino!

Era a voz do Irmão Gil. Com certeza havia achado um sapo e o chamava para apanhá-lo. Marcelino parou assustado, mas em seguida compreendeu que teria tempo de subir o resto, de dar uma olhada no lugar e de descer logo até a horta, fingindo não ter ouvido o chamado.

— Vamos, Manuel! — disse consigo mesmo.

Continuou pois a subida e chegou ao topo da escada. Abriu cuidadosamente a porta do depósito. Aquilo era, como havia imaginado, um verdadeiro paraíso: lenha seca, caixões vazios, picaretas, pás e barricas. Um esplêndido lugar para divertir-se no inverno, quando reinava o frio do lado de fora do convento. Depois, com todo cuidado, dirigiu-se para a porta do sótão. Espiou primeiro pelas frestas da madeira e viu apenas muita escuridão. Empurrou a porta, que soltou um gemido. Continuou a empurrá-la até que pôde enfiar a cabeça pelo vão. O sótão, menor que o depósito, era provido de uma minúscula janela fechada, por onde a luz mal entrava. Pouco a pouco, os olhos de Marcelino foram se acostumando com a escuridão, e ele pôde distinguir as coisas.

Havia ali cadeiras quebradas, mesas, pedaços de madeira e outros trastes, porém mais arrumados que os do depósito. Na parede à direita via-se uma espécie de estante com livros e calhamaços cobertos de pó; na da frente estava a janelinha, tendo embaixo móveis amontoados. Quando Marcelino, voltando a cabeça com o pescoço metido entre a porta e o portal, olhou para a esquerda, não reconheceu logo o que via; porém, pouco a pouco, foi distinguindo como que a figura de um homem muito alto, meio despido, com os braços abertos e a cabeça voltada para ele. O homem parecia olhá-lo, e Marcelino quase soltou um grito de terror. Os frades não o tinham enganado! Marcelino retirou de chofre a cabeça, não sem arranhar a orelha na porta, que ele fechou com um puxão. Descalço e sem lembrar-se do porrete, de Manuel ou do barulho que podia fazer, desceu desabaladamente a escada. Quando chegou ao pátio, e depois ao campo, deixou-se cair junto a uma árvore. Havia levado um grande susto. Era verdade: havia no sótão um homem assombroso. Calçou as sandálias e pôs-se a caminhar para a horta, ainda trêmulo.

De qualquer modo, aquele homem que vira seria mais um personagem a lhe ocupar constantemente o pensamento; porém, isto sim, sem poder falar a ninguém a respeito. Os frades iriam castigá-lo, e bem sabia que desta vez tinham toda razão.

3

O dia amanhecera nublado, e finalmente desabou a tempestade. Marcelino subira a uma árvore, de olho num ninho; porém, quando o céu se tornou negro e ressoaram os primeiros trovões, desceu imediatamente e correu, já debaixo de chuva, a refugiar-se no convento. Marcelino não gostava de tempestades, mas preferia que ocorressem durante o dia. De noite causavam-lhe mais medo ainda; os relâmpagos iluminavam seu quartinho, onde dormia no único leito da casa, já que os frades, por penitência e coisas assim, deitavam-se em tábuas sobre o chão.

As grandes tempestades de setembro despertavam Marcelino durante a noite, fazendo-o passar maus bocados com os trovões, os relâmpagos e, sobretudo, o interminável barulho da chuva no telhado. Marcelino não gostava nada do inverno, pois quase não podia sair, aborrecendo-se no convento; o pior é que os frades então, se punham a dar-lhe aulas. Já conhecia as letras desde o inverno passado. E neste que estava para vir, dissera-lhe o Padre Superior, tinha de aprender a ler. A instrução de Marcelino não era grande coisa; sabia rezar, é claro, e estava bem instruído no catecismo; porém os frades, segundo aconselhara o Superior, não queriam sobrecarregá-lo demais.

Enquanto, da porta do convento, via a chuva cair, Marcelino pensava no inverno não desejando que ele chegasse, tão triste lhe parecia! Os pássaros haviam sumido quase todos, e os outros bichos se escondiam nas tocas. Só lhe restava Mochito; porém, como já era velho, não gostava de brincar, por vezes lhe soltando um bocejo em plena cara. Estes pensamentos levaram Marcelino a lembrar-se do homem do sótão. Vários dias haviam decorridos depois que o descobrira. Ocorreu-lhe que, chegando o inverno, não mais poderia subir até lá, porque os frades estariam quase sempre em casa, ainda que não tivessem medo das tempestades, da chuva ou do frio, e continuassem a sair diariamente para suas tarefas; voltavam porém muito mais cedo, a casa ficava mais silenciosa e podiam ouvi-lo facilmente. Marcelino resolveu subir de novo para ver o homem antes que o inverno chegasse.

Havia pensado nele constantemente, fazendo-se as mais diversas perguntas. A primeira era se aquele homem sairia às vezes do sótão ou estaria sempre lá com os braços apoiados na parede, como Frei Dodói estendido no leito há tantos anos. Estaria também doente o homem do sótão? De um lado, o terror que experimentara ao vê-lo, e de outro a pena que lhe causava imaginá-lo doente, além de nu e sozinho lá em cima, aumentavam seu desejo de subir outra vez para espiar melhor. Talvez tivesse sentido tanto medo porque os frades lhe disseram que o homem poderia levá-lo para sempre. Porém, se ele houvesse desejado levá-lo, não teria esperado tanto tempo, pensava Marcelino. Quantas vezes estivera quase sozinho no convento, na horta ou no campo! Com um homem ele não poderia lutar e teria de deixar-se levar, quisesse ou não.

Quando cessou a chuva e a tempestade abrandou, Marcelino já havia

tomado uma decisão. Estabeleceu um plano, no qual figuravam também Manuel, o amigo invisível, e Mochito, com os olhos cegos meio fechados encostadinho no fogão da cozinha.

— Olha, Manuel, temos que subir hoje; vou fazer o mesmo que da outra vez, levando o porrete e as sandálias na mão. Quando chegar à porta, vou abri-la um pouco e ficar olhando um instante, para ver se o homem se mexe. Se ele mexer, a gente desce correndo. Se não mexer, abro com o meu porrete a janelinha, e então olharemos. Enquanto faço tudo isso, você fica vigiando na escada, para que os frades não nos apanhem.

Marcelino esperou o momento propício. Cada vez que pensava nisso faltava-lhe o ar. Pouco a pouco foi se acostumando à idéia e toda a sua preocupação era surpreender as conversas dos frades, a fim de calcular melhor o dia em que pudesse empreender sua segunda aventura.

Chegou por fim o dia. As tempestades não haviam voltado, e os frades, como sempre acontecia no outono, andavam muito ocupados em tomar todas as precauções possíveis para enfrentar o inverno; desempenhavam grande atividade quando o Superior mandava preparar a casa e angariar quanta esmola pudessem. O inverno era longo e os caminhos, nos dias piores, tornavam-se intransponíveis. Em certos anos os frades eram obrigados a ficar fechados no convento um mês inteiro e às vezes mais ainda, por causa da neve, do vento ou da intensidade do frio, sem receberem uma só visita ou uma bendita esmola. Chegara pois o tempo de operações contra o inverno. Cresceram as atividades externas dos frades, proporcionando dias mais apropriados aos desejos de Marcelino. Se não aproveitasse aquela oportunidade, os frades começariam a consertar o convento, tapando as goteiras dos telhados, as janelas e todas as frestas que deixassem passar o frio.

Numa tarde fresca e sem sol, Marcelino aproveitou a ausência da maioria dos frades. Como de costume, só haviam ficado no convento, além de Frei Dodói, o Irmão Gil, na horta, e Frei Papinha, na cozinha, com o encargo também de vigiar a portaria. Marcelino já havia preparado o grande porrete, que lhe servia para experimentar os degraus e, se fosse o caso, para abrir a janelinha do sótão. Em segredo, mas sempre conversando com o amigo Manuel, subiu a escada. No quarto ou quinto degrau, seus pés, embora descalços, arrancaram da madeira um

estalido que muito o assustou, pois ia com o coração aos saltos.

— Cuidado, Manuel! — disse ao amigo invisível. E seguiu escada acima.

Desta vez não se entretteve olhando o depósito, mas dirigiu-se logo ao sótão. Empurrou cuidadosamente a porta, pois já sabia o barulho que fazia ao abrir, e aguçou os ouvidos para ver se ouvia alguma coisa, nem que fosse apenas a respiração do homem que estava lá dentro. Nada porém. No meio de tanto silêncio só ouvia as batidas do próprio coração, cada vez mais apressadas. Abriu mais um pouco a fresta da porta e introduziu, como da outra vez, a cabeça, pondo-se a olhar e escutar até os menores ruídos da madeira, produzidos por um bichinho que a roía por dentro e que se chama caruncho. Finalmente, pôde enxergar o homem: estava como da outra vez e não se conseguia ouvir sua respiração. Parecia olhar Marcelino, mas este não podia ver-lhe os olhos por causa da escuridão reinante. Para ver se ele reagia, Marcelino, com muito medo, enfiou o porrete pela fresta da porta até atingi-lo. O porrete tocou nos pés do homem, mas nada aconteceu. Decerto estava doente ou mesmo morto. Marcelino resolveu entrar, não sem antes voltar a cabeça para a escada, dizendo baixinho:

— Não esqueça de me avisar, Manuel, se vier algum frade.



Não pôde deixar de estremecer imaginando que Frei Papinha, o Irmão Gil ou o Irmão Blém-Blém (sempre o primeiro a chegar apesar de ter as pernas mais curtas que os outros) o apanhassem ali. Porém, quem mais o atemorizava era o Padre Superior, embora fosse aquele que mais amasse. Pensando tudo isso, conseguiu por fim passar uma perna pela fresta da porta, depois o corpo e afinal a outra perna. Estava dentro do sótão. Avançou um pouco e tropeçou em alguma coisa que não vira, produzindo um barulho que lhe pareceu um trovão. Parou sem respirar, encolhido como um escaravelho. Seu coração batia terrivelmente. Imaginem se o homem despertasse com aquele barulho e o apanhasse e levasse

para sempre! E ele, que nem havia completado seis anos, que poderia fazer? Batiam-lhe os dentes de medo; porém, passado um certo tempo, pôde observar que nada acontecia: os frades não subiam, o homem não acordava e nada se mexia. Cheio de coragem e arrastando os pés para evitar outra topada barulhenta, se aproximou, porte em riste, da janelinha e, por entre as frestas que deixavam entrar um pouco de luz, verificou como teria de agir para abri-la. Deu-lhe bastante trabalho, pois devia fazer muito tempo que não era aberta. Logo ouviu um ruído familiar e riu consigo mesmo: uma ratazana acabava de assustar-se e corria para o seu esconderijo. Por fim, conseguiu abrir um pouco a folha da janela, lançando um olhar para onde estava o homem.

Marcelino nunca tinha visto um crucifixo tão grande com um Jesus Cristo do tamanho de um homem pregado na cruz, alta como uma árvore. Aproximou-se da cruz e, ao olhar fixamente o rosto do Senhor, o sangue que lhe gotejava da fronte pelas feridas da coroa de espinhos, as mãos e os pés cravados na madeira e a grande chaga do lado, seus olhos se encheram de lágrimas. Jesus tinha os olhos abertos e, com a cabeça um pouco inclinada sobre o braço direito, não podia ver Marcelino. O menino foi dando a volta até colocar-se debaixo do seu olhar. Jesus estava muito fraco e a barba caía-lhe aos borbotões sobre o peito; tinha as faces encovadas e seu olhar despertava muita pena em Marcelino. Marcelino vira muitas vezes Jesus, mas sempre pintado no quadro do altar da capela ou em crucifixos pequenos, como se fossem de brinquedo, nos rosários dos frades. Mas nunca havia visto um “de verdade” como agora, com todo o corpo nu e que se podia contornar com os braços, havendo espaço por trás. Então, tocando-lhe as pernas magras e duras, ergueu os olhos para o Senhor e disse-lhe, sem rodeios:

— Você tem cara de fome!

O Senhor não se mexeu e nada disse. Marcelino teve uma idéia repentina e, colocando-se na ponta dos pés para que Jesus pudesse escutá-lo, disse-lhe de novo:

— Espere, que volto agora mesmo...

Dirigiu-se para a porta e desceu a escada. Ia tão impressionado com o aspecto do Senhor, que nem se preocupou em não fazer barulho. Enquanto descia, pensava como enganar Frei Papinha. Em vez de dirigir-se logo para a cozinha, foi colocar-se diante da janela que dava para a horta; dali, verificando

que o Irmão Gil estava bem longe, debruçado num canteiro, gritou para dentro:

— Frei Papinha, Frei Papinha, venha ver que bicho enorme!

Mal disse isso, correu a esconder-se num grande caixão de lenha, bem perto da porta da cozinha. Frei Papinha não tardou em sair, resmungando alguma coisa, em direção à horta. Então, mais rápido que um raio, Marcelino entrou na cozinha, apanhou a primeira coisa encontrada e subiu as escadas correndo. Chegando ao sótão, entrou como um pé-de-vento e, aproximando-se do grande Cristo, ofereceu-lhe o que trouxera.

— É só pão — dizia-lhe, esticando o braço o quanto podia. — Não pude apanhar mais nada por causa da pressa.

Então, o Senhor abaixou um braço e recolheu o pão. E ali mesmo, pregado como estava, começou a comê-lo. Marcelino pegou o porrete e as sandálias, empurrou um pouco a folha da janelinha e retirou-se cuidadosamente, dizendo ao Senhor em voz baixa:

— Tenho que ir logo, porque enganei Frei Papinha. Amanhã trarei mais.

E, fechando a porta, arremeteu-se escada abaixo em busca do frade. Marcelino estava contente. Sem dúvida, tinha agora mais um amigo para juntar ao Mochito, à cabra e, pobre dele, à sombra de Manuel.

Seguiram-se dias difíceis para que Marcelino pudesse visitar outra vez seu novo amigo. Com a novena de São Francisco aproximava-se a grande festa do convento, com os frades recolhendo-se mais cedo; aumentavam as penitências e a má comida, pois todos entregavam-se totalmente às suas devoções. Para Marcelino, São Francisco de Assis era um bom amigo, de quem conhecia, pela boca dos frades, muito mais coisas que a maioria das pessoas grandes da cidade. (Num só ponto Marcelino deixava de concordar com a vida do santo: ele ter vendido o seu belo cavalo. Um cavalo grande, como os que às vezes eram amarrados às portas do convento pelos guardas que vigiavam a comarca!) O próprio Marcelino era obrigado a assistir todos os dias à novena, passando grande parte do tempo a olhar o enorme quadro do santo que os frades tinham sobre o altar, agora mais iluminado por causa dos dias festivos.

A tempestade voltou certa noite e Marcelino sentiu mais medo que nunca, não só pelo pavor habitual, mas também por lembrar-se do amigo do sótão. Esteve a ponto de enfrentar os relâmpagos e subir até lá com um cobertor para o homem, tão nu e pobre, exposto ao frio, ao vento e à chuva através da janelinha mal fechada. Vencida aquela fase de preparativo e terminada a novena, chegou o grande dia de São Francisco, no qual os frades, cumpridas as suas obrigações dentro e fora do convento, celebravam a solene festa do padroeiro comendo até um pouco da carne recebida de esmola e abrindo algumas garrafas de vinho tinto da região, presente que guardavam para as grandes ocasiões. Este ano, não menos de meia vaca lhes foi trazida em um carro para a festa. Marcelino e Mochito não sentiram a menor repugnância pela carne tenra e magra, como nunca tinham visto. Mas quando pôde sair para o campo, após a refeição, Marcelino sentiu remorso por aquela carne comida e saboreada, ao pensar em seu amigo lá em cima. Aquele sim, não tinha carne, pão, nem mesmo um pouco d'água. Marcelino se afligia imaginando como poderia viver tanto tempo só com um pouco de pão

que lhe levara há duas semanas. Assim pensando, deu uma volta pela cozinha e verificou que sobrara bem mais da metade da carne que lhes haviam trazido. Calculou então que haveria ainda carne por alguns dias, consolando-se tanto com isso que dedicou o resto do dia às suas proezas prediletas, de modo que nem Mochito, nem a cabra que o alimentara, nem as pacíficas lagartixas do muro escaparam de suas travessuras e maldades.

Com o final da novena e da festa do pobrezinho Francisco, voltou o convento à sua vida normal, retomando os frades as preocupações com o inverno que se aproximava. Diminuíram as idas e vindas, e a despensa, por providência de Deus, foi ficando abastecida, como ocorria todos os anos por aquela data. Mas enquanto a carne não acabou, Marcelino pareceu ter perdido a memória, decorrendo não poucos dias até que pensasse outra vez no pobre amigo do sótão. Isso ocorreu justamente no último dia de carne, quando verificou com súbito espanto restarem apenas as exatas rações para os da casa, sentindo então grande remorso por causa do pobre faminto, tão pálido e fraco, pregado na cruz. Decidiu portanto subir até lá naquele mesmo dia, fosse como fosse. Armado de seu grande porrete, esperou a ocasião para poder subir com as mãos cheias. Frei Papinha não se afastava um minuto da cozinha, e Marcelino se viu em grande dificuldade para agir, até que, aproveitando um descuido do frade, meteu no bolso um grande naco de carne assada e, pouco depois, um bom pedaço de pão, daquele duro que os frades comiam quando conseguiam obtê-lo. Já abastecido com estas duas provisões, Marcelino se encheu de ânimo; já acostumado com o êxito de seus empreendimentos, pôs-se a subir, desta vez sem tirar sequer as sandálias, mas evitando produzir ruídos suspeitos. Chegando ao sótão e já sem medo, foi direto à janelinha, que abriu como de costume. Olhou em seguida para onde estava o Homem, encontrando-o na posição de sempre. Colocou-se então a seus pés e falou-lhe deste modo:

— Vim hoje porque tinha carne.

E pensava: “Imaginem se Ele soubesse que houve carne tantos dias!” Porém o Senhor não disse coisa alguma, nem Marcelino se importou com o seu silêncio, tirando a carne e o pão do bolso e colocando-os sobre a mesa desconjuntada, só mantida de pé por milagre. E disse-lhe então, sem fitá-lo:

— Bem que hoje você podia descer daí para comer sentado à mesa.

Dizendo isto, pôs mãos à obra, empurrando até a mesa uma cadeira de bispo que ali se encontrava, pesada como os diabos e meio capenga.

Então, o Senhor moveu um pouco a cabeça, fitando-o com grande doçura. E, dentro em pouco, desceu da cruz e aproximou-se da mesa, sem desviar os olhos de Marcelino.

— Não tens medo? — perguntou-lhe o Senhor. Porém Marcelino estava pensando em outra coisa e lhe disse, por sua vez:

— Você devia estar com muito frio naquela noite da tempestade...

O Senhor sorriu e perguntou de novo:

— Não tens medo de mim?

— Não! — respondeu o menino, fitando-o tranqüilamente.

— Sabes então quem Eu sou? — perguntou o Senhor.

— Sei! — replicou Marcelino. — Você é Deus!

O Senhor sentou-se então à mesa e pôs-se a comer a carne e o pão, depois de parti-lo daquele modo que só Ele sabe. Marcelino colocou-lhe familiarmente a mão sobre o ombro nu.

— Você tem fome? — perguntou.

— Muita! — replicou o Senhor.

Quando Jesus acabou de comer a carne e o pão, olhou Marcelino e disse:

— És um bom menino. Muito obrigado.

— Faço o mesmo para Mochito e outros. — respondeu Marcelino prontamente.

Porém, como ainda há pouco, pensava em outra coisa e perguntou de novo:

— Olha, você está com muito sangue na cara, nas mãos e nos pés. Estas feridas não doem?

O Senhor voltou a sorrir. E perguntou-lhe suavemente, pondo-lhe então, por sua vez, a mão sobre a cabeça:

— Sabes quem me feriu?

Marcelino titubeou, mas acabou respondendo:

— Sei. Foram os homens maus.



O Senhor inclinou a cabeça. Então Marcelino aproveitou a ocasião para, muito suavemente, retirar-lhe a coroa de espinhos, que colocou sobre a mesa. O Senhor o deixava agir, fitando-o com um amor que Marcelino jamais vira em olhar algum. E, de repente, Marcelino disse, apontando-lhe as feridas:

— Será que eu não podia te curar, passando nessas feridas uma água que arde, mas que curou as minhas?

Jesus inclinou a cabeça.

— Podes, mas se fores muito bom.

— Isto já sou! — respondeu imediatamente Marcelino.

E, sem querer, passava os dedos pelas feridas do Senhor, sujando-se um pouco de sangue.

— Escuta uma coisa — disse o menino — será que eu não podia tirar os pregos da cruz?

— Assim eu não poderia manter-me nela — disse o Senhor.

E perguntou então a Marcelino se ele conhecia bem a sua história. Marcelino respondeu que sim. Mas gostaria de ouvi-la de sua própria boca, para saber se era verdade. E Jesus contou-lhe a sua história. Narrou-lhe como era um menino que trabalhava com o pai, um carpinteiro. E como certa vez se perdeu e o encontraram conversando com os velhos da cidade. E como cresceu e tudo o que fez, como pregou e teve discípulos e amigos, e o pegaram e cuspiram nele, crucificando-o diante de sua Mãe. E assim foi chegando a tarde, e com ela as primeiras sombras. Marcelino por fim se despediu, dizendo que voltaria amanhã sem falta. Via-se que Marcelino havia chorado, e o próprio Jesus enxugou-lhe as pálpebras com os dedos, para que os frades não percebessem. Marcelino perguntou-lhe então se gostaria que ele voltasse amanhã ou se lhe era indiferente. Jesus, que já estava de pé para subir à cruz, após haver comido o pão e a carne, respondeu-lhe:

— Ficarei muito contente. Quero que venhas amanhã, Marcelino.

Marcelino saiu do sótão um pouco atordoado, imaginando como o Senhor podia saber que ele se chamava Marcelino e não Irmão Gil, Frei Papinha ou até Mochito. Pensava também em como haviam desaparecido de suas mãos as manchas de sangue.

Marcelino dormiu como um justo e acordou no dia seguinte sem ter sonhado coisa alguma, nem com Mochito, nem com tempestades, nem com a deliciosa carne que comera. Lembrando-se em seguida da promessa feita ao Homem do sótão, passou toda a manhã dando tratos à bola para ver como subir até lá sem que os padres o vissem. E que comida poderia levar para seu amigo? Mas, por acaso, as coisas se passaram muito melhor do que esperava. Numa de suas idas à cozinha, onde nem sempre era bem recebido por Frei Papinha (este sabia que Marcelino nunca passava ali por acaso, mas constantemente em busca de alguma coisa), encontrou o recinto abandonado. Mais que depressa, meteu no bolso um grande pedaço de pão, verificando com o olhar, em todos os recantos, o

que mais pudesse levar. Como não visse nada além do grande caldeirão ao fogo e encontrasse por ali uma garrafa de vinho pela metade, sobra sem dúvida das festas recentes, pegou logo uma caneca, encheu-a até em cima e dirigiu-se em seguida para a escada, com a qual já se tinha familiarizado e subia agora sem muito medo. A caminho lembrou-se de que, felizmente, deixara no sótão o porrete com que abria a janelinha, e entrou sem maior preocupação. Ainda no escuro, deu bom-dia ao Senhor, que respondeu da cruz:

— Bom dia, bom Marcelino.

Já com a luz entrando pela pequena janela, Marcelino se aproximou da mesa, onde colocou primeiro o vinho, que se havia derramado um pouco, e depois o pão. O Senhor, sem dizer nada, tinha descido da cruz e estava de pé a seu lado.

— Não sei se gostará do vinho — disse Marcelino, chupando umas gotas que lhe tinham caído nos dedos — mas os padres dizem que ele esquentava. E — prosseguiu, sem deixar que o Senhor respondesse — como pensei que o inverno está para chegar, como no ano passado, e que... — Marcelino se deteve, olhando para o Senhor com muita atenção...

— E o quê, Marcelino? — disse Jesus para animá-lo.

— E que... — Marcelino hesitava. — Vou trazer um cobertor para você se cobrir um pouco e não sentir tanto frio; mas não sei se isto é roubar.

O Senhor se havia sentado enquanto Marcelino permanecia junto dele, observando como comia o pão e como, de vez em quando, levava aos lábios a caneca. Então, o Senhor lhe disse:

— Ontem te contei a minha história, mas ainda não me contaste a tua.

Marcelino arregalou os olhos e fitou o Senhor com surpresa.

— Minha história — disse o menino — acaba logo. Não tive pais e os frades me recolheram pequenino, criando-me com leite da velha cabra e uns caldos do Frei Papinha. Tenho cinco anos e meio. — Hesitou um pouco e prosseguiu, enquanto o Senhor o olhava. — Não tive mãe. — Depois, como que interrompendo sua história, perguntou ao Senhor:

— Você tem mãe, não é?

— Tenho — respondeu Ele.

— E onde está? — perguntou Marcelino.

— Com a tua — disse Jesus.

— Como são as mães? — perguntou o menino. — Eu sempre pensei na minha, e o que gostaria mais no mundo era ver minha mãe ao menos um pouquinho.

Então o Senhor lhe explicou como eram as mães. Disse-lhe como eram suaves e belas. E como amavam sempre os filhos, a ponto de deixarem as coisas de comer, beber e vestir para dá-las e eles. E Marcelino, ouvindo o Senhor, tinha os olhos cheios de lágrimas, pensando em uma mãe desconhecida de cabelos mais finos que o pêlo de Mochito e olhos maiores que os da cabra, porém mais ternos ainda. Pensava também em Manuel, que tinha mãe e gritava “Mamãe” quando Marcelino lhe puxara demais o nariz com um prendedor de roupas, a ponto de escorrer-lhe o ranho.

Por fim chegou a hora de Marcelino partir, quando tocou a sineta do refeitório, e o Senhor voltou para a cruz. Tão cativante fora a história de Jesus sobre as mães que Marcelino esquecera até de retirar-lhe a coroa de espinhos; prometeu a si mesmo porém não esquecê-lo da próxima vez, e até mesmo quebrá-la para sempre, a fim de que não mais fizesse seu amigo sofrer.

Passava-se uma coisa estranha no coração de Marcelino: nas horas em que não podia subir para ver Jesus, ainda que sempre pensasse nele, ia para a capela. Ali, no grande quadro de São Francisco, procurava o crucifixo não muito grande que o santo trazia nas mãos, reconhecendo nele as chagas do Homem do sótão, enquanto repassava todas as suas palavras. Sentia nisto grande consolo, mas despertava algumas suspeitas entre os frades, pouco acostumados a vê-lo na capela.

— O que faz aqui? — disse-lhe um dia o sacristão, Frei Blém-Blém, mal-humorado.

Muitos outros dias subiu Marcelino ao sótão, levando às vezes para o Senhor os mais estranhos alimentos, como nozes, uvas já um pouco passadas ou pedaços de pão duro. Até mesmo uma posta de peixe, já com um pouco de terra, por ter caído no chão. Jesus jamais demonstrara a menor repugnância, mas comia tudo, para grande satisfação de Marcelino. Porém, na maioria das vezes, o menino subia com pão e vinho. Descobrira que aquelas duas coisas eram as mais fáceis de apanhar, pois encontrara meios de abrir algumas garrafas encaixotadas

no depósito rente ao sótão. Além disso, o Senhor parecia gostar particularmente daquela refeição. Até que um dia, Jesus disse a Marcelino, muito risonho:

— Tu te chamarás de agora em diante Marcelino Pão e Vinho.

O nome agradou a Marcelino. Então o Senhor lhe explicou como Ele próprio, para permanecer vivo entre os homens que o haviam crucificado, prometera estar sempre no meio deles, sobre o altar, em forma de pão e vinho, justamente o que o sacerdote comia na missa, como se fossem a carne e o sangue de Jesus, e eram mesmo. Marcelino sentia-se orgulhoso de já não chamar-se Marcelino simplesmente, mas Marcelino Pão e Vinho. Um dia até disse isso durante a refeição, interrompendo o silêncio dos frades no refeitório, ao gritar para que todos escutassem:

— Eu me chamo Marcelino Pão e Vinho.

Alguns frades fitaram-se sorrindo enquanto outros se aborreceram, pois ali não se podia falar enquanto comiam, na cara do Padre Superior e tudo o mais. O Superior, até então distraído, fixou os olhos em Marcelino, que se pôs a tremer, pois parecia-lhe que aquele olhar penetrava dentro dele, desvendando-lhe todas as idéias e lembranças.

Marcelino prosseguiu serenamente sua amizade com Jesus, sempre a levar-lhe comida, inclusive o cobertor prometido, sem preocupar-se mais se aquilo seria um roubo. Já quase não se ocupava dos bichos. Agora era o velho Mochito que o procurava, pois abandonara a caça de animaizinhos, os potes com água e as caixas com buraquinhos. Parecia ensimesmado e um pouco triste, sempre na capela. Os frades, em suma, ao vê-lo tão diferente, começaram a encher-se de suspeitas, observando-o com maior atenção, sem que ele percebesse. Marcelino tinha a cabeça cheia de idéias misteriosíssimas, a ponto de ter esquecido Manuel. Há sete dias não via a cabra que lhe servira de ama, nem provocava repreensões de Frei Papinha, nem visitava Frei Dodói em sua cela. O Padre Superior estava preocupado com o menino, recomendando que todos os frades o vigiassem. Foi então que começaram a acontecer na cozinha coisas muito estranhas.

O Padre Superior andava preocupado com Marcelino. Frei Dodói se queixou de que jamais ia vê-lo. A cabra andava inquieta. Mochito morreu de repente, sendo enterrado por Marcelino onde os padres mandaram, num canto da horta, sem derramar uma só lágrima. Frei Porta e Frei Batizo passaram a ser chamados por seus verdadeiros nomes. Frei Blém-Blém era ajudado, pela primeira vez na história de Marcelino, a cuidar da capela. Frei Papinha parecia andar caducando, pois faltava sempre uma das doze rações (treze com Marcelino) preparadas para as refeições. E os outros frades achavam Marcelino muito mudado, parecendo que o convento estava de pernas para o ar desde algum tempo.

Finalmente, o Padre Superior reuniu um dia a comunidade, exceto o Irmão Gil, que recebera o encargo de levar Marcelino ao povoado, a pretexto de comprarem alguns livros escolares, pois o inverno se aproximava. O Padre Superior expôs as suas dúvidas e pediu que opinassem sobre a evidente mudança de Marcelino.

— Eu o acho mais sério e como que transformado num homenzinho — declarou Frei Batizo.

— Eu o acho mais bonzinho e menos travesso — disse Frei Porta.

— Eu o acho fervoroso — disse Frei Blém-Blém.

O Padre Superior falou por último.

— Nosso Marcelino já não é mais como era — disse ele.

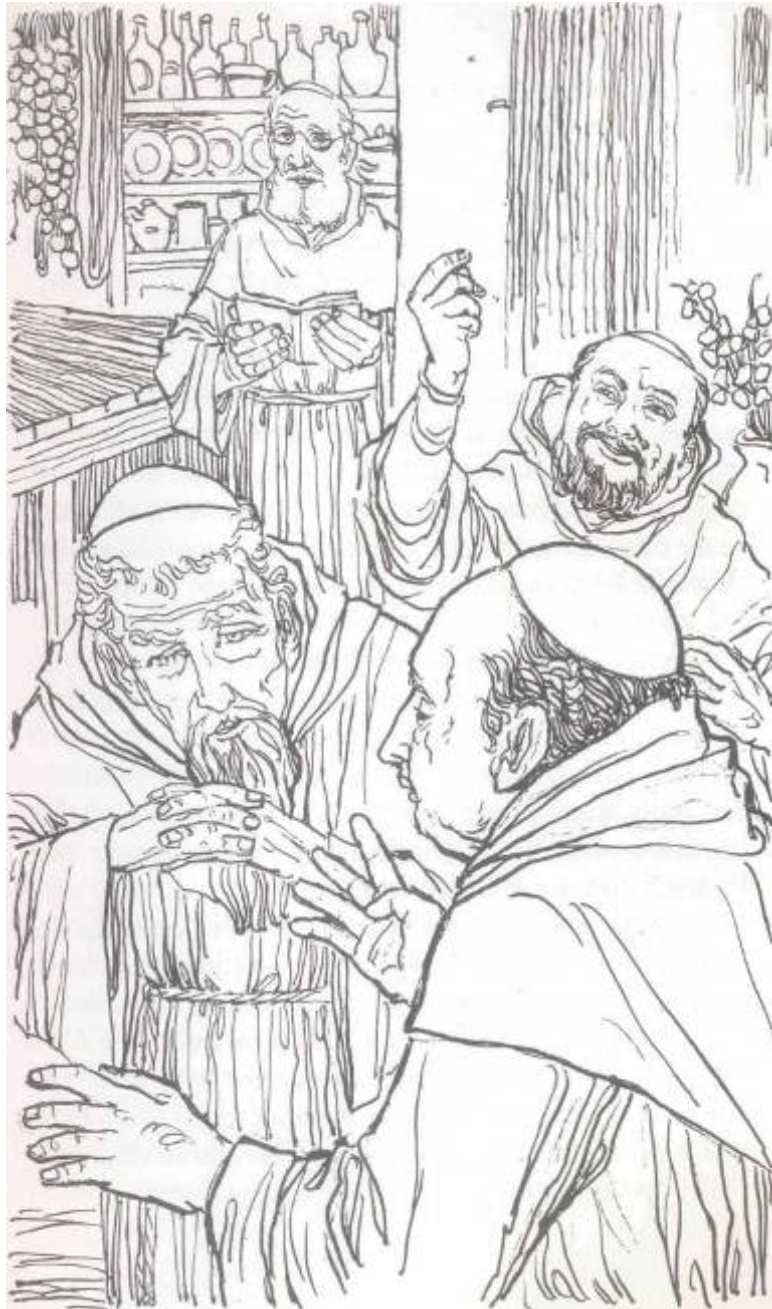
— Suas caixas e potes andam agora vazios — disse outro padre.

— Outro dia o vi rezando diante do muro onde antigamente caçava lagartixas — disse um irmão que se chamava Irmão Pio, nome que arrancava a Marcelino boas risadas.

— Rezando? — quis saber então o Padre Superior, muito interessado.

— Isto mesmo — replicou o Irmão Pio um pouco constrangido. — Falava de Jesus e como se falasse com Ele. — O Irmão Pio agarrou o longo cordão do

hábito e prosseguiu: — Talvez tenha agido errado, mas me escondi atrás de uma árvore e escutei-o dizer: “Olha, vou quebrar logo essa coroa de espinhos; não quero mais essa coroa na sua cabeça!”



Fez-se um grande silêncio entre os padres, até que o Superior de repente encarou Frei Papinha, que permanecia tão calado.

— Escuta, irmão. Não desconfia que a razão que falta diariamente seja subtraída por Marcelino, sem que o perceba?

O irmão, sem falar, fez que sim com a cabeça. E o Superior prosseguiu:

— Pois bem, vamos todos vigiar mais ainda Marcelino; mas cuide bem de sua cozinha e não se deixe enganar por um menino tão pequeno.

E assim determinou o Padre Superior várias providências, cada qual mais rigorosa, pois todos andavam tristes, imaginando que o menino, por viver tão isolado, sem companheiros de sua idade, houvesse contraído alguma doença desconhecida, que acabasse exigindo como remédio uma cruel separação.

Provavelmente depois do Padre Superior, que era um santo, e de Frei Dodói, já tão velho que a morte lhe seria um descanso, Frei Papinha era o mais bondoso de todos, sendo o terceiro no amor a Marcelino. Porém, desde aquele dia em que o Padre Superior reunira a comunidade e recomendara a mais severa vigilância, não havia momento em que o menino entrasse em seus domínios sem que ele, de um modo ou de outro, não estivesse presente. Aquela ração que faltava todo dia causava mal-estar a Frei Papinha. Tinha a certeza de ter preparado o pão para treze, a carne e o peixe para treze, a sopa ou o cozido para treze, as frutas, quando havia e estava na safra, para treze. Sempre treze: doze frades e Marcelino.

— Doze frades e Marcelino — ficava repetindo o bom Frei Papinha.

E, um dia, sua vigilância foi bem-sucedida. Marcelino andara por ali, quando o frade contava mais uma vez as rações preparadas, para ver se eram exatamente treze, como deviam ser. Mal o menino saiu, as rações se tornaram doze. Só podia ser Marcelino. Tinham desaparecido um pão e um peixe. Frei Papinha procurou Marcelino por toda parte, sem conseguir encontrá-lo. Não descobriu sequer um rastro. À hora da refeição o menino sentou-se com o costumeiro apetite, parecendo impossível que houvesse comido antes um grande pedaço de pão e um peixe de bom tamanho. Frei Papinha se propôs ficar ainda mais atento, e no dia seguinte aconteceu o mesmo: faltava uma ração de pão, pois o único prato que havia era uma espécie de sopa com grão-de-bico, arroz e verduras, que ainda estava no caldeirão. Também desta vez a falta da ração coincidia com a saída de Marcelino da cozinha. Pela primeira vez, Frei Papinha resolveu comunicar ao Padre Superior sua descoberta.

— Agora precisamos saber o que ele faz com essa comida — disse o Superior. — Quando descobrir o menino com a ração, siga-o sem que ele perceba.

Assim fez Frei Papinha e, certa tarde, pôde observar com grande surpresa que o menino, uma vez com o bolso cheio, se dirigia para a escada do depósito e do sótão, apesar da proibição tão insistente. Pôs-se o bom frade a segui-lo e ficou do outro lado da porta, espiando pelas frestas como o sótão se iluminava ao abrir o menino a janelinha. Mais não pôde ver, pois lhe deu então uma tonteira e quase perdeu os sentidos, desabando no chão seu corpanzil. Por isso Frei Papinha, que já era avançado em anos, desceu vacilando a escada e entrou na sua cozinha. Não se sabe como apossou-se da idéia do bom frade a suspeita de tratar-se de uma tentação; o caso é que, no dia seguinte, passou na capela muito mais tempo que de costume, pedindo ao Senhor que tivesse pena dele e não permitisse que um pobre frade, já tão velho, fosse tão tolo a ponto de não saber vigiar um garotinho.

A nova visita de Marcelino à cozinha não se fez esperar. Era também dia de sopa, de modo que só pôde furtar um bom pedaço de pão. O frade começou a segui-lo, sendo que desta vez quase foi descoberto, pois o menino dirigiu-se logo ao depósito, onde Frei Papinha o viu debruçar-se sobre uma das caixas das garrafas de vinho que os frades guardavam para as grandes ocasiões. Nisso, como após encher a caneca o menino voltou-se para a escada, o frade viu-se forçado a descer, a fim de não ser descoberto, perdendo de novo a oportunidade. Mas costuma-se dizer que da terceira vez a vitória é certa, e foi o que sucedeu em nossa história. Já no dia seguinte, quando os frades só dispunham para a ceia, além do pão e do caldo quente, de cerca de trinta maçãs assadas, Frei Papinha notou a já esperada falta de um pão e duas maçãs, pondo-se, ato contínuo, no encalço do ladrãozinho. Chegando até a porta do sótão, ficou observando dali, onde não corria o risco de ser visto. Do que viu Frei Papinha pelas frestas e do desmaio que o prostrou em seguida, pouco podemos saber. A não ser que o bom frade se lembrava que o menino lhe havia perguntado uma vez, dias atrás:

— Você também conversa com Deus?

O irmão ficara muito espantado, mas achou por bem responder que isto lhe ocorria quando rezava, único modo de poderem os homens falar com Deus, a não ser que sejam santos.

O frade desceu com visíveis sinais de agitação e se trancou na capela, sem dizer nada do que vira e permanecendo acordado a noite toda; enquanto os outros dormiam, talvez se tenha até flagelado com uma cordinha, tal seu receio de ter

caído em tentação e bruxaria do Demônio.

Apesar de tudo, prosseguiu em suas investigações com redobrado fervor, a ponto de inteirar-se do que acontecia diariamente no sótão entre o menino e a imagem de Jesus Crucificado, que os frades tinham guardado ali por ser tão grande que só caberia na parede da capela depois que a reformassem, como todos desejavam. Pela terceira vez, após se haver acusado de alucinações ao se confessar a um dos padres, Frei Papinha encheu-se de coragem e recorreu a Frei Porta, contando-lhe o que via e escutava todos os dias através da porta do sótão. E Frei Porta, que era muito bom e ti o velho quanto ele, se ofereceu para acompanhá-lo, para que pudesse livrar-se de tão estranhas visões.

No dia seguinte, justamente durante uma grande tempestade, das que outrora obrigavam Marcelino a refugiar-se junto aos frades, encontravam-se os dois diante da porta do sótão; enquanto Frei Papinha se punha a rezar com grande fervor, o irmão porteiro procurava vislumbrar pelas frestas o que se passava lá dentro. Também ele não quis dar crédito a seus olhos e, quando desceram, disse a Frei Papinha que se tratava de alguma feitiçaria, contra a qual seria preciso prevenir o Padre Superior; lembrou aliás aquele menino que vira São Francisco conversar com Deus sem que este percebesse, mas acabara fazendo-se frade, e dos melhores. Frei Papinha suplicou ao irmão que esperasse mais um dia, subindo outra vez com ele, antes de informarem o Superior. O outro prometeu. Chegando a noite, a tempestade amainou. Mas os dois frades passaram-na sem dormir, pedindo luzes a Deus para entenderem aqueles fatos tão misteriosos.

Marcelino andava aqueles dias como que mergulhado em sua ventura.

Dir-se-ia não se lembrar de mais nada, embebido em seus pensamentos. Nem os bichos, nem seus velhos amigos, nem mesmo a cabra que lhe servira de ama-de-leite e agonizava de velha no curral, nem as tempestades cada vez mais freqüentes sobre o convento, nada o distraía de suas conversas com o Homem do sótão. E também de sua nova mania de visitar a capela, onde ficava realmente embevecido, a contemplar o crucifixo do quadro de São Francisco, a ponto de certa noite terem de transportá-lo dormindo para a cama. Já entrava na cozinha sem sequer pensar em enganar o Frei Papinha: recolhia nas suas próprias fuças a ração costumeira e subia a escada sem ligar para os ruídos, sem se importar com que pudessem segui-lo.

Aquela tarde sua oferenda havia constado dos alimentos mais freqüentes, origem do nome que Jesus lhe pusera: pão e vinho. Jesus desceu da cruz como de costume, comendo e bebendo como sempre o pão e o vinho diante de Marcelino embevecido a contemplar-lhe o rosto, do qual não afastava os olhos, embora sem ousar tocá-lo, paralisado de respeito e amor. Quando terminou, o Senhor chamou a si o menino, tomando-o pelos ombros:

— Bem, Marcelino. Tens sido um bom garoto, e estou querendo dar-te como prêmio o que mais desejares.

Marcelino o fitava e não sabia como responder. Porém o Senhor, que via dentro dele como dentro de todos nós, insistia suavemente, fazendo-lhe pressão nos ombros com seus longos dedos.

— Dize-me: queres ser frade como aqueles que cuidaram de ti? Queres que eu te devolva Mochito ou que tua cabra nunca morra? Queres brinquedos dos meninos da cidade e do povoado? Queres, melhor ainda, o cavalo de São Francisco? Queres que Manuel venha ao teu encontro?

A tudo isso Marcelino respondia que não, os olhos cada vez mais

arregalados e já sem ver o Senhor, de tanto que o via e o tinha perto de si.

— Que queres então? — perguntava-lhe o Senhor.

Marcelino, como se estivesse ausente, mas fixando o olhar nos olhos do Senhor, declarou:

— Só quero ver minha mãe e também a Tua depois.

O Senhor o puxou então até Ele e sentou-o em seus joelhos ásperos e nus. Depois, colocou-lhe uma das mãos sobre os olhos, dizendo-lhe suavemente:

— Dorme então, Marcelino.

Naquele mesmo instante, onze vozes exclamaram “Milagre!” à entrada do sótão. A porta abriu-se de supetão e todos os frades, menos o Frei Dodói, irromperam no pequeno vão, onde mal cabiam. “Milagre, milagre!”, gritavam os frades e o Padre Superior. Mas tudo já estava em paz. Sob a luz da janelinha aberta viam-se como sempre as estantes cobertas de livros e calhamaços empoeirados, os móveis velhos, as madeiras empilhadas e o Senhor em sua cruz, imóvel, pálido e agonizante... Marcelino repousara sozinho entre os braços da cadeira, parecendo dormir. Os frades caíram de joelhos por longo tempo, até constatarem que Marcelino não despertava.

O Padre Superior então se aproximou e, depois de tocar-lhe as mãos, fez sinal aos padres que descessem, dizendo apenas:

— O Senhor levou-o consigo; bendito seja o Senhor!

Os frades desceram até a capela e lá passaram a noite entre lágrimas de alegria, velando o corpo de Marcelino estendido diante do altar, onde haviam posto inclinado, por não caber ali de outro modo, o grande crucificado do sótão. Marcelino, adormecido no Senhor, contemplava sem dúvida o rosto de sua mãe.

Antes do amanhecer, os frades mais jovens partiram para os povoados dos arredores a fim de comunicarem o que havia ocorrido. À tarde começaram a chegar os primeiros carros, com os que desejavam ser testemunhas de tão grande milagre. No caixãozinho de madeira clara, Marcelino dormia sorridente e rosado. Chegaram não só carros e carros, a noite inteira, como também gente a pé em romaria. Por todos os povoados espalhou-se o rumor do milagre e tomara-se conhecimento da ditosa morte do menino dos frades. Naquela mesma noite morrera também a cabra de Marcelino, enquanto Frei Dodói sentira de repente tão grande melhora, que se fizera transportar à capela para adorar o Crucificado e

despedir-se de seu pequeno amigo.



— Eu estou vivo, e ele aqui! — dizia chorando o bom frade.

A manhã já ia avançada quando se organizou o enterro em forma de procissão. O menino devia ser enterrado no cemitério do povoado mais próximo, a cuja circunscrição pertencia, embora os frades houvessem preferido deixá-lo ali com eles, no pequeno cemitério da horta; isto porém era impossível, não só por causa da lei como das próprias regras da Ordem. A uma hora da tarde pôs-se enfim a caminho a enorme comitiva, na qual iam em procissão, com os frades, as autoridades dos povoados e grande parte dos vizinhos, entre os quais não faltava

a família de Manuel e o próprio Manuel, que mal se lembrava daquele menino que vira tão pouco. A prefeitura do povoado mais rico enviara sua banda de música, que tocava uma marcha fúnebre muito lenta e tristonha e como que aos pedaços, tão separados caminhavam os músicos. Por certo, se estivesse vivo e pudesse assistir a enterro semelhante, Marcelino notaria que o tocador do bumbo daquela banda era muito magrinho, parecendo a todo instante perder o equilíbrio com o peso do tambor, enquanto o clarinetista era um enorme gordalhão, que fazia o delgado instrumento parecer urna piteira em suas mãos e boca.

Os frades entoavam cânticos, a banda sua marcha fúnebre. As pessoas rezavam em voz alta, enquanto os meninos riam e saltavam pelo caminho, sem se importarem com coisa alguma. Era uma tarde esplêndida, daquelas que Marcelino Pão e Vinho tanto apreciava antes de conhecer seu grande Amigo do sótão. Carros e cavaleiros acompanhavam a grande comitiva que caminhava a pé, quando, de súbito, cabras que ali passavam, atraídas pela música e pelos cânticos, puseram-se a acompanhar o enterro, até as portas do cemitério. Bem que a cabra que lhe servira de ama-de-leite poderia estar ali, trincando umas poucas ervas, enquanto o corpo de Marcelino descia à terra. O corpo, repito. Porque a alma subira para junto de sua mãe, naquele céu de que os frades tanto falavam, ao encontro do Senhor, a quem dera tantas vezes, no sótão, de comer e beber.

Segunda parte

A Grande Viagem de Marcelino

Porém nem tudo morre neste mundo. E enquanto os frades sofriam com a separação de Marcelino e se alegravam por seus últimos momentos nos braços do Senhor, a alma do menino deixava silenciosamente o corpo, como graciosa roupinha usada, e começava uma vida nova, o caminho do céu tão prometido, onde podia encontrar-se com sua mãe.

Era certo que seu corpo não mais se movia e cessara de bater seu coração de carne; porém não era menos certo que seu espírito se havia desprendido do corpo que o envolvera, sem que nenhum olhar humano pudesse vê-lo, e se deslocava atraído por uma força sublime.

No cemitério entregara-se à terra o seu antigo corpo. E seus amados frades tinham desejado fazê-lo com as próprias mãos. Lá estava Frei Porta, sucessor do que o encontrara, humilde irmão leigo convencido de que o mundo passará, e que praticava a caridade de fazer o próximo rir...

E Frei Blém-Blém, o sacristão, frade desengonçado, guardião da capela, que algum dia irá para o céu, pois dizia toda a verdade ao gabar-se de que ninguém no mundo toca um sino melhor que ele.

E Frei Melro, que é sacerdote e pintor e canta como um melro, sendo por isso um pouco presunçoso. E o Padre Superior, também sacerdote, austero e grave, íntegro e quase seco, mas em cujos olhos ardem igualmente o amor e a justiça.

Faltava Frei Dodói, cuja doença, após a ligeira melhora que lhe permitira ir à capela, se agravou com a morte de Marcelino. Frei Dodói, o maior dos frades em todos os sentidos, sacerdote e fundador do convento, é realmente, por sua idade, experiência e sabedoria, um verdadeiro santo, sem que ninguém, nem mesmo ele, o saiba. Marcelino pusera-lhe esse nome porque já o conhecera enfermo e, como agora se encontra, ausente, deitado e rezando. Lá estava Frei Então, rústico e franco camponês, de poucas palavras, cuja santa simplicidade

surpreendia sempre. E Frei Papinha, homenzarrão bondoso e gordo, irmão cozinheiro, que em seu ofício encarna o amor franciscano pela Irmã Água e pelo Irmão Pão.

Solícito e puro de coração, Frei Papinha sabe fingir mau humor para com as coisas que mais ama: o fogo que se apaga ou o vento que atira palhas e folhas secas em seus saborosos guisados, obtidos quase sempre por milagre. Tem prontas a irritação e a lágrima, mas suas mãos habilidosas é que sabem tornar macia uma dura enxerga e acertar o ponto exato de uma salada. Se faltassem de repente aos frades a singela alegria e otimismo deste grandalhão, tomariam então consciência da falta que faz numa casa a sombra protetora de uma mulher, de uma mãe ou de uma irmã. Pois, ainda que muito varonil, era justamente isto Frei Papinha, que criara Marcelino com o leite da cabra do convento e sopas de lambar os lábios.

Terminado o enterro e rezadas as orações, as pessoas rodeavam os frades, demonstrando-lhes mais uma vez os seus encabulados e sinceros pêsames. Eles os recebiam chorosos, às vezes sorrindo, ou então com apertados abraços.

Foi quando uma mulher de cerca de trinta anos perguntou a um lavrador a seu lado:

— Sabe quem é o Padre Superior?

— Aquele — disse o homem, apontando.

A mulher dirigiu-se ao frade e entregou-lhe uma carta, deixando-o bastante surpreso, enquanto a via afastar-se.

Por fim o povaréu foi se dispersando e os frades, quase sem saber como, viram-se de volta para o convento, dois a dois como de costume.

Na planície pedregosa e tristonha, ao sol que se despedia, o céu, as árvores e os pássaros pareciam entoar o cântico do mistério da morte, porta da vida sem fim.

Já perto do convento, uma repentina lufada de ar retirou o capuz do último frade da fila, que não era outro senão o Padre Superior. Mergulhado em seus pensamentos, sentiu um sobressalto e olhou para o céu, como se acabasse de ser vítima de uma travessura de Marcelino...

A ventania amainava enquanto o frade penetrava atrás de seus irmãos no recinto do convento, justamente onde dominava, grande, solitária e frondosa, a

árvore plantada por Frei Dodói há tantos anos.

“Foi ali mesmo que...”, disse consigo o Padre Superior.

Lembrava-se daquele longínquo dia em que o menino, agarrado à copa da árvore em pleno inverno, olhando desesperado a ventania, gritara ao vê-lo:

— Padre!

— Filho! — gritou por sua vez o frade. — Não se mexa, que vou até aí!

E pusera-se a correr em direção a Marcelino.

O vendaval uivava terrivelmente e o menino via o frade lutando contra o vento, com os panos do hábito pegados ao corpo, até chegar finalmente onde estava e tomá-lo nos braços.

Colocou-o sobre os ombros, enquanto o furacão os empurrava para trás, tendo Marcelino o nariz e a boca cheios de ar, as lágrimas irrompendo dos olhos fechados.

Transpostas as salvadoras portas da estufa, o Superior depositou a garoto no chão e começou a ajeitar o hábito, enquanto Marcelino esfregava os olhos com força e passava a mão pelos cabelos revoltos, pondo-se por fim a contemplar o seu salvador com um vasto sorriso. Porém, deve ter vislumbrado alguma coisa na cara do Superior, pois a sua foi se tornando mais séria...

— Como pôde subir na árvore com aquele terrível vento? Não viu que ele podia carregar você?

O menino, que pensava rápido como um raio, agiu como de outras vezes: se conseguisse que o Padre Superior lhe explicasse alguma coisa como se fosse uma lição, a “tempestade” passaria sozinha.

— E quem é o vento? — perguntou com o ar mais inocente do mundo.

O frade amenizou realmente a sua expressão e, tomando Marcelino por um ombro, foi encaminhando-o até o grande banco de pedra do vestíbulo, onde sentou-se, puxando o menino para mais perto:

— Você já sabe que no começo Deus havia criado os céus e a terra, fazendo no segundo dia o firmamento. Sem dúvida, nesse mesmo dia nasceu o Vento, que o Senhor enviaria para pôr em ordem as águas, como o cão do pastor põe em ordem o rebanho a um simples gesto de seu dono...

Sem que o vissem, Frei Papinha apareceu à porta da cozinha e tossiu discretamente. Marcelino voltou-se com o semblante resplandecente de alegria:

— Venha, Frei Papinha, que o Padre Superior está me contando uma história!

Tendo consultado os olhos do Superior, o cozinheiro aproximou-se mais e permaneceu de pé, encostado à parede, com as grossas mãos sobre a barriga, que não era pequena.

— O Vento — prosseguiu o Padre Superior — era muito jovem e formoso, e sem dúvida também um pouco irreverente, capaz de fazer esvoaçar a túnica de Deus e de brincar como um bichinho entre as poderosas e imensas mãos do Criador. E o Senhor o mandaria desafogar-se longe com suas insensatas corridas e galopes.

— Está gostando, Frei Papinha? — Perguntou Marcelino.

— Muito! — disse o frade, sorrindo. — Mas escuta, escuta...

— Então — continuou o Superior — veio a criação das aves. Porém não foi isso o mais importante, embora nesse dia o Vento se tenha sentido acariciado, quando o Senhor abençoou as aves. O Vento já não se sentia sozinho, acompanhado por aqueles seres de asas, aos quais por vezes projetava contra o chão por brincadeira ou fazia voar pelos ares como plumas, quando menos quisessem.

— Como eu teria voado, se o Padre Superior não viesse apanhar-me! — comentou Marcelino.

Naquele momento, Frei Porta surgiu à entrada, com uma cesta na mão e uma enxada ao ombro. Porém, como o Superior retornasse a história, teve de ficar parado e escutando, para não fazer barulho, com grande contentamento de Marcelino, que o mirava, mal contendo o riso.



— No sexto dia, como já sabe, Deus criou o homem e a mulher, descansando no sétimo. Nesse dia o Vento se entreteve com outras tarefas, sem incomodar o Senhor, mas importunando os animais da água e da terra, inclusive o homem e a mulher, fazendo cair seus cabelos sobre os olhos ou arrebatando-lhes de repente uma flor, uma folha, uma pequena cereja colorida. Ao anoitecer o Vento velava para que o Senhor permanecesse tranqüilo, sem que chegassem até ele os ruídos dos animais e das águas.

Frei Papinha tinha os olhos úmidos voltados para a porta do convento; no campo, porém, a ventania atacava firmemente a árvore de Frei Dodói e até Frei

Porta trazia um pouco de barro no rosto.

O menino escutava o tempo todo, sempre a torcer o único botão do suspensório.

— E o Vento foi feliz por muitos dias, até o dia da desobediência, quando um anjo resplandecente arremessou o homem e a mulher, por ordem de Deus, para fora do Paraíso. O Vento, que amava o seu Senhor, esteve a ponto de encher as bochechas e fazer voar com fúria aquele casal, quando se viu contido por mão bem mais forte, devendo aquietar-se como um cachorrinho enraivecido... Desde aquele dia o Vento jurou que, quando o Senhor não estivesse presente, pregaria todas as peças que pudesse aos dois e a seus descendentes. Felizmente, cada vez que pretendia pulverizar-nos, a mão de Deus o agarrava e fazia-o murchar as orelhas.

Mais dois frades chegavam de fora com os sacos às costas. Um deles disse:

— Que vento horrível!

— Já sei quem é ele! — exclamou Marcelino.

— Quem? — perguntou o frade, surpreso.

— Ele se refere ao vento — esclareceu Frei Papinha.

Porém o frade não entendeu e, apanhando de novo o saco que pusera no chão, foi com o companheiro para o convento.

O Padre Superior não havia ainda terminado e dirigiu-se a Marcelino, que acabava de arrancar de todo o botão e o colocava disfarçadamente na boca.

— Já sabe quem é o Vento, é verdade. Só que cometeu uma grave imprudência esta tarde. Por isso vai agora com Frei Papinha pedir perdão até a hora da ceia.

Frei Papinha encarregou-se de Marcelino, dirigindo-se ambos para a capela. Marcelino ia meio murcho, constatando que o seu truque não havia adiantado grande coisa, pois o Padre Superior não desistira do castigo. Com a mão direita segurava o suspensório sem botão...

Ao chegarem à capela e se ajoelharem diante do altar, aconteceu o pior. Quando foi fazer o sinal-da-cruz, como lhe propunha Frei Papinha, Marcelino se esqueceu e soltou o suspensório. Aí suas calças caíram, ante os olhos escandalizados do irmão cozinheiro.

— E o que foi feito do botão? — perguntou o frade, baixinho.

Puxando de novo as calças, Marcelino confessou:

— Engoli.

O frade ia soltando uma gargalhada, mas lembrou-se do lugar onde estavam e começou a rezar alto, para que o menino repetisse:

— Ave, Maria...

— Ave, Maria — repetia Marcelino.

Marcelino Pão e Vinho seguia por uma estrada desconhecida, ladeando um grande rio: era a estrada do céu. Parecia-lhe apenas não estar nos lugares que conhecera no mundo.

Nada sabia da morte, a não ser que os velhos iam desaparecendo debaixo da terra, como também os animais ao morrerem, pois nunca havia prestado muita atenção ao que lhe diziam os frades sobre “a outra vida”, “o Paraíso” e essas coisas todas.

Suas recordações iam-se tornando mais próximas à medida que caminhava, lembrando-se com grande carinho do Amigo do Sótão, sobretudo daquele instante em que, acima de todas as coisas, preferira ver o rosto de sua mãe, e o Senhor então o tomara nos braços e o sentara nos joelhos duros como ferro, dizendo-lhe somente:

— Terás de adormecer...

Estaria agora dormindo? Dormindo e sonhando?

Pensava também na cabra e no gato Mochito. E, pensando em sua morte e na de ambos, perguntava a si mesmo se haveria também um céu para os bichos. Caso contrário, iria pedir ao Senhor que o fizesse.

Dando por falta de algumas pessoas que mais amara e ainda amava, como Manuel, Frei Papinha e Irmão Gil, pediria também a Deus que os trouxesse logo para junto de si.

Porque, se Jesus era mesmo o Rei de tudo aquilo, as coisas tinham mudado, e agora era o Senhor quem teria de dar-lhe pão para comer e vinho para beber, arranjando-lhe ainda um cobertor para a noite. E ocorreu-lhe então que Jesus deveria passar a chamar-se Pão e Vinho, e não Jesus somente.

— Jesus Pão e Vinho — repetia o menino.

O que lhe parecia, dito em voz alta, soar muito bem.

De súbito, quando menos esperava, viu um homem ao longe, e dirigiu-se a

ele.

O homem esperava-o imóvel, mas muito sorridente. Era jovem e masculinamente belo como um anjo, vestido porém como os senhores que vira algumas vezes nos povoados.

Tendo Marcelino chegado a seu lado, disse o homem:

— Sejas bem-vindo, Marcelino Pão e Vinho!

O menino surpreendeu-se por ser tão famoso, a ponto de até mesmo ali, tão longe, já o conhecerem. Perguntou-lhe então:

— Quem é você?

O homem respondeu:

— Sou quem vai mostrar-te a direção do céu. Dá-me a tua mão, e pé na estrada!

E Marcelino, como se estivesse andando com Frei Blém-Blém pelos caminhos de outrora, prosseguiu com ele, até que, não agüentando mais, perguntou:

— E vou ver logo a minha mãe?

O homem se limitou a dizer:

— Ainda será preciso caminhar bastante.

O menino fitava-o e tornava a fitar e refitar. Parecia-lhe um velho conhecido, a ponto de sentir por ele grande afeto, em tão pouco tempo de convívio. Olhava também em torno de si e disse-lhe em seguida:

— E este rio?

— É o rio da vida, meu filho, que corre para Deus.

O garoto ficou em silêncio. Em seguida, olhando bastante o homem, perguntou:

— Você não será o meu Anjo da Guarda?

Sempre a caminhar, o homem respondeu:

— Tu o disseste, Marcelino.

— Pois você me deixou fazer boas maldades...

O Anjo sorriu, sem parar de caminhar.

— Não me cabia impedir-te, mas apenas soprar o que devias fazer, em vez do que estavas fazendo...

Marcelino caminhava pensativo.

Disse finalmente:

— Mas você não vai contar agora as coisas que fiz?

Pela primeira vez, o Anjo deu uma risada e logo explicou:

— O Senhor já sabe de tudo, Marcelino: sabe todas as coisas antes que aconteçam, enquanto acontecem e depois de acontecerem. E sabes o que faz com que ele veja sempre o que os homens fazem? O seu amor.

Estava demorando aquela bendita palavra! E lembrou-se, enquanto caminhavam, do caso dos tomates.

Acontecera que Frei Papinha, ante os pés de tomate ainda verdes, se queixava:

— Quando é que estes tomates vão ficar maduros, meu Deus?

— Por que você quer que fiquem maduros? — perguntou o menino.

— Para apanhá-los.

— E depois?

— Fazer uma salada.

— E quando fará isso?

— Quando estiverem vermelhinhos.

A coisa teria ficado por ali. Mas Marcelino, aquela tarde, embarafustando-se pela estufa das plantas, encontrou um pote de tinta vermelha. Logo, sem dizer água vai e evitando que os frades o apanhassem, juntou-lhe um pouco d'água e começou a pintar de vermelho, um por um, os tomates verdes.

Foi na tarde inesquecível de Manuel.

A primavera já ia avançada, e a árvore de Frei Dodói, verde e frondosa, parecia maior. Quase todos os frades haviam saído, só ficando Frei Dodói em sua cela, o Irmão Gil na horta e Frei Tapinha no fogão.



Como de outras vezes, Marcelino foi até sua árvore predileta, onde subiu como um gato. Sentando-se de frente para o caminho de Manuel, pensou no amigo quase invisível.

— Manuel... — disse em voz baixa.

E logo, fixando os olhos bem longe, viu aproximar-se um pequeno vulto, talvez um cachorro. Mas, na medida em que se aproximava, atirando uma pedra em uma árvore sem acertá-la, Marcelino gritou:

— Manuel!

Escorregou árvore abaixo e pôs-se a correr ao encontro dele.

Já mais próximo, parou um pouco, como se receoso, e foi se aproximando

devagarinho. Manuel havia parado, olhando-o sem interesse. Marcelino se conteve ainda mais e, já a seu lado, perguntou-lhe, disfarçando a emoção:

— Você viu as coisas no sol?

— Vi. Está tudo azul.

— Mas se você olhar com um vidro escuro, vai ver que não — disse Marcelino.

— Com um vidro escuro?

— Com um vidro escuro. Me espere perto da árvore e vai ver uma coisa.

Marcelino correu, afastou umas pedras junto ao muro e logo voltou com um pedaço de vidro de garrafa bem escuro.

— Veja agora — disse ele.

Manuel olhou, e depois olhou Marcelino.

— A gente vê colorido.

Cansaram-se de olhar. Marcelino guardou o vidro no bolso, mas continuou fitando Manuel.

— Como foi que você veio? — perguntou finalmente.

— Fugi — disse Manuel, dando de ombros cheio de importância, como se fugir fosse a coisa mais simples do mundo. E acrescentou, olhando o casarão ali perto:

— Já estive uma vez neste convento.

— E meu — respondeu Marcelino, cheio de orgulho.

— Bem que você queria! — respondeu Manuel, muito seguro.

Marcelino compreendeu que era melhor mudar de assunto. E perguntou:

— Você veio para me ver?

— Não — mentiu o outro. E logo depois perguntou:

— Você tem dinheiro?

— Nunca tenho dinheiro — disse Marcelino.

— Pois eu tenho, olha! — disse Manuel, tirando do bolso umas moedas. — Foi minha madrinha quem me deu — acrescentou contente. — Você tem madrinha?

— Não — disse Marcelino. — Você deixa eu ver? — E estendeu a mão, onde Manuel foi colocando as moedas.

O menino contemplou-as silenciosamente, cheio de admiração.

— Valem muito? — indagou.

— Pelo menos seis reais... — disse Manuel.

Marcelino devolveu-lhe as moedas e perguntou-lhe:

— Quer que eu te mostre as minhas coisas?

— Está bem — disse Manuel.

— Vem comigo então. Quase todos os frades estão fora.

Levou-o ao longo do muro até a sombra de uma parreira e, tendo retirado duas pedras, surgiram os seus “tesouros”: um pé de galinha, cartuchos de balas vazios, um três de copas e alguns laços para caçar. Manuel olhava tudo com desprezo, ainda que parecesse gostar de uma caixinha de latão bem novinha. Em todo caso, enfiou a mão no bolso e disse:

— Tenho isso também.

E ostentava na mão uma atiradeira de elástico.

— Para que serve? — perguntou Marcelino, maravilhado.

— Para atirar uma pedra bem longe. Você vai ver — disse Manuel.

E, agachando-se, apanhou uma pedra pequena, colocou-a na atiradeira, puxando o elástico, na direção de um gato que acabava de aparecer...

— Não faça isso! — gritou Marcelino. — É o meu gato.

— Como é feio! — disse Manuel, fitando o bichano.

Marcelino levantou o braço para dar-lhe um murro, embora Manuel fosse maior e mais alto; mas logo desistiu da idéia por causa de sua amizade... Manuel, que não se havia movido, disparou então contra uma árvore, que atingiu com sua pedra.

— Está vendo? — disse com petulância.

— Quer trocar a atiradeira por aquela caixa? — propôs Marcelino.

— Não — disse Manuel.

Resignado, Marcelino recolocou as duas pedras sobre os seus tesouros e propôs de novo:

— Vamos mais adiante, vou te mostrar outra coisa.

Contudo, naquele instante, ouviu-se uma voz da janela do convento:

— Quem é que está aí? — perguntava Frei Papinha.

Marcelino escondeu Manuel debaixo da parreira.

— Eu sozinho — mentiu.

— Então, com quem estava falando?

— Estava brincando — respondeu o menino. Tomaram a precaução de afastar-se. Marcelino guiou Manuel até um buraco do muro e saíram por ele.

Enquanto contornavam o convento, Marcelino esteve a ponto de tomar Manuel pela mão, mas não teve coragem. O outro nem reparou. Ouvia-se o chilreio dos passarinhos. Tinham chegado aos fundos da casa. Sob um beirai do telhado havia um ninho.

— Está vendo esse ninho? — perguntou Marcelino. — Foi um João-de-barro que o fez no ano passado, mas agora vieram outros e o querem para si.

— Como? — perguntou Manuel.

— Vão até o riacho, apanham barro com as patas e procuram tapar a entrada para matar os que estão dentro.

— Mas não vou deixar! — disse Manuel com energia.

E apanhou uma pedra para carregar sua atiradeira. Quando chegou o pássaro usurpador, disparou contra ele. Porém a pedra não atingiu o alvo.

— Agora eu — pediu Marcelino.

E, quando o outro lhe oferecia a atiradeira, acrescentou:

— Eu, sem nada.

Pegando uma pedrinha branca e achatada como uma grande moeda, atirou-a no segundo pássaro que chegava. Ele caiu como se fosse um ovo. Manuel tinha os olhos arregalados de espanto. Marcelino aproximou-se tranqüilamente do passarinho e tomou-o na mão. Estava ferido, e o menino pôs-se a examiná-lo com cuidado.

— É o macho — disse ele. — Foi melhor que você não acertasse o outro, porque era a fêmea.

— Você acertou por acaso — disse Manuel, despeitado.

Pela segunda vez, Marcelino fitou-o como se fosse esmurrá-lo, mas contentou-se em dizer:

— A gente pode cuidar dele, para que fique bom.

Mas Manuel sentia-se frustrado e declarou:

— Vou-me embora, porque se meu pai...

— E se os frades me apanham com você? São doze e não um só...

Iam caminhando e Marcelino levava o pássaro na mão. Já haviam

ultrapassado a árvore de Frei Dodói, quando Marcelino segurou Manuel pelo braço:

— Sua mãe é boa? — perguntou de repente.

— Claro — disse Manuel, pondo-se a caminhar.

— E você gosta dela? — perguntou Marcelino, segurando-o de novo.

— Claro — afirmou Manuel, dando um puxão para seguir caminho.

— E você pode dar-lhe um beijo quando tem vontade?

— Claro!

— Vi sua mãe um dia.

— Minha mãe?

Marcelino sorria, extasiado:

— Ela mesma. — E disse logo: — Vai com Deus!

— Você não tem mãe? — perguntou Manuel, parando um pouco.

— Não — respondeu Marcelino, olhando para outro lado.

— Fica com Deus! — disse Manuel.

Havia, porém, olhado o passarinho com inveja, e Marcelino o percebeu.

Manuel continuou andando, mas de vez em quando voltava e levantava a mão com a atiradeira Marcelino porém permanecia calado. Por fim, quando Manuel já ia longe, pôs-se a correr atrás dele. Ao alcançá-lo, disse:

— Você promete fazer o que eu pedir, se eu te der o passarinho? Aí vai poder dizer que o apanhou com a atiradeira...

Manuel, que havia parado ao ouvir a corrida de Marcelino, olhou de novo o passarinho a mover-se intranquilo.

— Prometo — disse ele e perguntou logo em seguida. — E o que é?

Marcelino hesitava, mas de repente criou coragem e disse bem depressa, enquanto lhe entregava o passarinho:

— Quando você der um beijo em sua mãe, quero que dê outro logo em seguida, que eu estou mandando.

E saiu correndo como uma flecha, enquanto Manuel olhava-o espantado, e também ao passarinho, agora em sua mão.

Marcelino trepou em sua árvore para ficar vendo Manuel, que partia pelo Caminho de Manuel, a observar o pássaro ferido.

Frei Papinha saía de sua cozinha. Ao olhar de relance para a horta,

pareceu-lhe ver algo de estranho. Foi até lá sem desviar os olhos.

Os tomates tinham amadurecido! Frei Papinha entrelaçou as mãos, como dando graças a Deus. Depois se abaixou, tocou num deles e logo em seguida em outro. Sentiu então nos dedos uma coisa pegajosa, que os deixara vermelhos. Apalpando mais um e outro tomate, descobriu que haviam sido pintados. Com cara de poucos amigos, ergueu-se gritando: “Marcelino!”

— Porém não me bateu; era muito bom... — Marcelino concluía assim a história que contava ao Anjo. Haviam deixado o rio bem para trás e penetravam numa alameda altíssima, sem sombra de vestígio humano.

— E o que aconteceu com os tomates? — perguntou o Anjo, esforçando-se para conter o riso.

— Tive de lavar um por um, com um pano molhado.

Penetravam agora num recinto de ruínas muito bem conservadas. Marcelino, estranhando, perguntou ao Anjo:

— Não há povoados por aqui?

— Por aqui só existe o povo de Deus, Marcelino.

— Nos outros povoados, quando eu ainda estava vivo, me davam coisas de presente — informou o menino. — Quando eu ia com os padres, me davam até maçãs.

— E que diziam as pessoas quando te viam?

— Diziam: “Olha o menino dos frades!”

— Só isso?

Marcelino pensou um pouco:

— Também diziam: “Ele não tem pais.”

Em seguida, mudou de idéia e perguntou:

— No céu há heróis?

— Por que perguntas?

— Porque uma vez vi um que estava morrendo e a quem Frei Bernardo confessou.

Caminharam um trecho em silêncio até que Marcelino voltou à carga:

— Os frades me explicaram que os heróis iam à guerra. No céu há guerras?

— Não.

— O que é um herói então?

— Os frades não te disseram que eram homens que lutavam contra a tristeza, contra o medo, contra a miséria e contra a dor?

— Os frades diziam isto ao falar dos mártires. Os heróis eram os que lutavam pela pátria.

— Bem, Marcelino, no céu há também desses heróis. Mas há uma

quantidade muito maior de mártires.

— Frei Dodói me disse que era melhor ser mártir do que herói, pois os mártires morriam por Deus e sem espada...

— Exatamente, Marcelino.

Mas logo o menino desatou a rir. O Anjo perguntou:

— De que estás rindo agora?

— Estou me lembrando de um susto que preguei, e que logo passou...

Você não se lembra?

— Se foi uma maldade tua, não vou me lembrar, pois foram muitas... Conta o que foi.

Na tarde daquele dia em que tanto falaram dos heróis e dos mártires, ocorrera a Marcelino verificar se o Irmão Gil dava mais para mártir ou para herói.

Tirando da cômoda da capela um hábito velho e apanhando um tamborete bem alto, procurou um lugar escuro no corredor das celas, onde houvesse no entanto luz suficiente para ser visto.

Escolhido o local, subiu no tamborete, vestiu o hábito e colocou o capuz. Em seguida permaneceu completamente imóvel, de costas para o lugar por onde o Irmão Gil devia chegar.

Dentro em pouco, carregado de plantas medicinais que estivera enxertando na horta, surgiu ali não o Irmão Gil, mas Frei Então, muito distraído como de costume. De repente, viu alguma coisa de estranho e parou estupefato.

Pouco adiante dele, de costas, imóvel como uma estátua, um frade muito alto, cabeça demasiado pequena e sem pés nem mãos. Já ia dar meia-volta, assustado, quando o misterioso frade partiu-se ao meio, e a metade de cima saiu correndo, arrastando o hábito e levando o tamborete.

O irmão soltou um grito e logo, ao verificar que o espantoso frade que corria sem pernas não era outro senão Marcelino, saiu-lhe atrás, gritando:

— Já aqui, Marcelino!

Correu velozmente e o alcançou em quatro passadas. Não lhe bateu, porque jamais batia; mas fez algo muito pior:

— O Padre Superior vai saber disso agora mesmo.

Marcelino se viu perdido e tentou conquistar-lhe as boas graças, enquanto

despia o enorme hábito, auxiliado pelo irmão.



— Eu queria saber se você seria herói ou mártir — desculpava-se Marcelino com voz queixosa.

O frade ficou espantado:

— Herói ou mártir, eu?...

— Isso mesmo — acrescentou o menino. — Se você não se assustasse, seria um herói; mas, se você levasse um susto e me perdoasse... seria um mártir.

O irmão foi obrigado a sorrir e, tomando o hábito do menino, entregou-lhe

as plantas, sem deixá-lo afastar-se.

— Vamos colocar este hábito no lugar.

— Promete não dizer nada ao Superior?

— Por esta vez prometo — disse o frade.

E seguiram juntos corredor afora, enquanto o irmão dobrava o hábito e Marcelino ia deixando cair os frágeis ramos destinados aos enxertos. Mas o pior foi de noite, quando Marcelino, sem conseguir conciliar o sono, dominado pela idéia dos heróis e dos mártires, jazia no leito ainda vestido.

De olhos abertos, imaginava grandes batalhas daquele tempo a que os frades se referiam. E eram realmente emocionantes os ataques da cavalaria, onde os sabres desembainhados brilhavam como relâmpagos sobre os vistosos ginetes.

Em seguida o menino imaginava, de olhos fechados, talvez para concentrar-se melhor, cenas de gloriosos mártires: ajoelhados e sem armas, as mãos cruzadas sobre o peito e os olhos voltados para o céu, consentiam, por amor a Deus, em ser torturados pelos homens...

Finalmente, pressionado por tais idéias e sentimentos, foi obrigado a levantar-se, disposto a fabricar muitos mártires de uma só vez.

— Temos que ser todos mártires! — dizia a si mesmo em voz alta, dirigindo-se à porta da cela.

Os frades dormiam, e Marcelino, às apalpadelas, pôde chegar sem dificuldade à cozinha e munir-se de fósforos. Em seguida, apanhou uma braçada de lenha.

Escolhera para atear o fogo o espaço, cada vez mais alto, sob o vão da escada do sótão.

“É o melhor lugar”, dizia consigo mesmo.

Empreendeu várias viagens da cozinha à escada, sempre com mais lenha; quando achou que já havia bastante, riscou o fósforo e pôs fogo aos gravetos.

Quando a fogueira já crepitava, voltou correndo para a cela.

Fechou a poria, pôs-se de joelhos e começou a rezar:

— Jesus, queremos ser mártires; todos queremos ser mártires...

Em seguida meteu-se na cama, enfiando a cabeça embaixo do travesseiro, para ver se morria por Deus sem sofrer demais.

O fogo crescia e logo as chamas alcançavam a escada, as celas e, pouco a

pouco, todo o convento.

Os frades corriam sufocados pela fumaça, com as camisas, hábitos e capuzes em fogo. Corriam também a cabra e o gato, os rabos acesos como tochas. O próprio Marcelino começava a sentir-se cercado pelas chamas.

Marcelino, dormindo em sua cela, gritava. Ouvia-se incessantemente o apito de Frei Dodói.

Finalmente Frei Papinha, cuja cela ficava ao lado da de Marcelino, dirigiu-se espavorido para lá, abrindo-a imediatamente.

— Marcelino! — gritou Frei Papinha, vendo o menino revolver-se na cama aos gritos. — Vamos, meu filho, acorda...

Continuava a ressoar o apito de Frei Dodói, quando entrava na cela do menino o próprio Padre Superior.

— Ele estava sonhando — informou Frei Papinha.

Marcelino abria uns olhos muito arregalados e via diante de si, ainda que um pouco embaçadas, as figuras dos frades, e percebeu que Frei Porta acabava também de entrar.

— Mas o que está acontecendo? — perguntou aflito o novo frade.

— Suba, irmão. Vá ver o que deseja o Frei Dodói e diga-lhe que foi Marcelino que teve um pesadelo, e que agora está tranqüilo.

Frei Porta foi cumprir sua missão, enquanto Frei Papinha interrogava Marcelino:

— Que estava sonhando, meu filho?

— Já somos todos mártires? — perguntou Marcelino, ainda meio dormindo.

Frei Papinha deu-lhe água, enquanto resmungava:

— Fica muito excitado quando Frei Bernardo o leva aos povoados...

— Muito! — confirmou ironicamente o Superior, convidando o cozinheiro a olhar para o menino.

Marcelino já adormecera tranqüilamente e até sorria um pouco, como se já não restasse sequer vestígio do pesadelo.

A paisagem por onde caminhavam havia mudado: divisavam-se agora ao longe umas montanhas.

— Sabes por que te aconteceu isso aquela noite? — perguntou o Anjo.

— Não — disse Marcelino.

— Foi porque deixaste de rezar antes de dormir.

O menino pareceu surpreso, mas logo encontrou resposta:

— Mas eu estava saindo da missa, quando preguei o susto em Frei Então...

— Marcelino! — exclamou o Anjo. — Vê lá se eu vou ter de repreender-te também!

— No céu não se repreende?

— Não. Lá a gente se comporta e esquece essas coisas todas.

— Então esquecerei tudo?

— Terás muitas outras coisas em que pensar...

— Com minha mãe?

— Claro que sim.

— É muito bonita?

— Todas as mães são bonitas, Marcelino.

— A minha também?

— Também a tua.

O rosto de Marcelino resplandeceu. Mas logo em seguida tornou a perguntar:

— Vou ver logo minha mãe?

— Não sejas impaciente; ela também quer te ver.

No convento, a primeira consequência da morte de Marcelino foi que a comunidade passou a ocupar-se logo com o Cristo do milagre, dando início às obras da canela, sempre adiada por falta de recursos.

Pois não só o bom povo dos arredores, como até o prefeito que lhes causara tantos problemas, davam esmolas maiores que de costume, levados sem dúvida pela idéia de que não haviam tratado como deviam o menino que chegara a conversar com Deus.

A obra avançava em ritmo rápido com a ajuda dos frades, tendo sido necessário sacrificar algumas celas, parte do depósito e o próprio sótão, a fim de criar-se uma espécie de abóbada ou cúpula, sob a qual se pudesse afinal colocar a famosa imagem.

A cela de Marcelino se convertera numa espécie de museu, com todas as coisas que o menino usara em vida. Ali estavam o velho berço, seus rústicos brinquedos e até mesmo os “tesouros” que escondia no muro da horta, julgando que só ele soubesse da sua localização.

Naquele recinto tão pequeno, o único a possuir uma cama, os frades gostavam de recolher-se para rezar pela alma do menino, embora soubessem que Deus a tinha acolhido com amor na outra vida.

Frei Papinha, Frei Então e Frei Blém-Blém, ali estavam quando aproximou-se Frei Porta:

— Irmãos, o Padre Superior está chamando.

Saíram os três atrás dele, reunindo-se no corredor aos demais frades, todos convocados.

Uma vez no gabinete do Superior, já reinando o maior silêncio, ele tomou a palavra:

— Irmãos, tenho alguma coisa a dizer-lhes sobre o nosso Marcelino.

Todos os frades deram sinais de grande expectativa, menos Frei Dodói,

que permanecia sentado ao seu lado e parecia ter acrescentado cem anos aos muitos que já tinha.

— Trata-se de uma história que venho guardando há alguns dias e que só Frei Francisco conhece — começou o Superior. — Refere-se aos pais de Marcelino.

— Vossa Paternidade podia fazer-me a graça de chamar-me Frei Dodói, pois assim me chamava Marcelino e quero ter esse nome até o fim...

— Pois bem — disse o Superior. — Não sei se repararam que no dia do enterro uma mulher se aproximou e entregou-me uma carta...

— Então não vi? — declarou Frei Então.

— E não comentou nada com nenhum irmão?

— Com ninguém, padre.

— Ótimo — disse o Superior.

E tirou uma grossa carta da gaveta de sua mesa.

— Trata-se de uma carta muito longa e arrevesada, escrita com péssima letra, que levei vários dias decifrando... Por isso estou em dúvida se vou lê-la toda agora ou apenas dar-lhes conhecimento do seu conteúdo.

Todos os frades se acomodaram o melhor possível, devorados pela mais viva curiosidade...

— Aquela mulher da carta é irmã do pai de Marcelino. Seis anos atrás ocorreu a tragédia que trouxe o menino à nossa porta...

“Claudio, o pai de Marcelino, casara com sua mãe Elvira, ambos muito jovens. O casal, na mais plena felicidade, esperava o primeiro filho.

“Claudio, cujo único defeito era a fraqueza de caráter, possuía alguns amigos que muito deixavam a desejar. Certa vez resolveram explorar a boa fama do rapaz, propondo-lhe um negócio arriscado.

“Haviam planejado um roubo importante e precisavam da colaboração de Claudio, que deveria entreter, enquanto agissem, as pessoas encarregadas da vigilância. Ninguém melhor que ele, por sua auréola de honesto.

“Claudio resistiu desesperadamente, mas foi ameaçado de morte:

“— Agora — disse o mais velho dos dois — você conhece o nosso plano e pode denunciar-nos. Por isso, se não nos ajudar, te eliminamos.

“O rapaz aceitou por medo, sem nada dizer à mulher.

“O medo ia perdê-lo. Por medo aceitou e por medo, quando chegou a hora da verdade e teve de desempenhar o papel combinado, resolveu resistir; mas, barbaramente agredido, perdeu a cabeça, defendendo-se com tal falta de sorte que deixou um adversário estirado no chão.

“— Você o matou! — exclamou o mais jovem.

“Claudio só leve uma idéia: fugir. Passou correndo pela casa de sua irmã Micaela e gritou-lhe da porta:

“— Micaela, vou me esconder; acho que matei um homem!

“— Onde vai se esconder? — gritou a irmã.

“— Onde brincávamos em pequenos... — E Claudio saiu correndo do povoado.

“Na mesma noite, Micaela foi ao encontro do irmão na gruta onde se escondera.

“— Claudio, você está aí?

“A pobre moça levava um embrulho com roupa e comida. Ouvindo a voz do irmão, conseguiu arrastar-se até ele e disse, chorando:

“— Claudio, o homem morreu. E todo mundo ficou sabendo quem o matou...

“— Morreu? — perguntou, horrorizado. E em seguida indagou: — E Elvira?

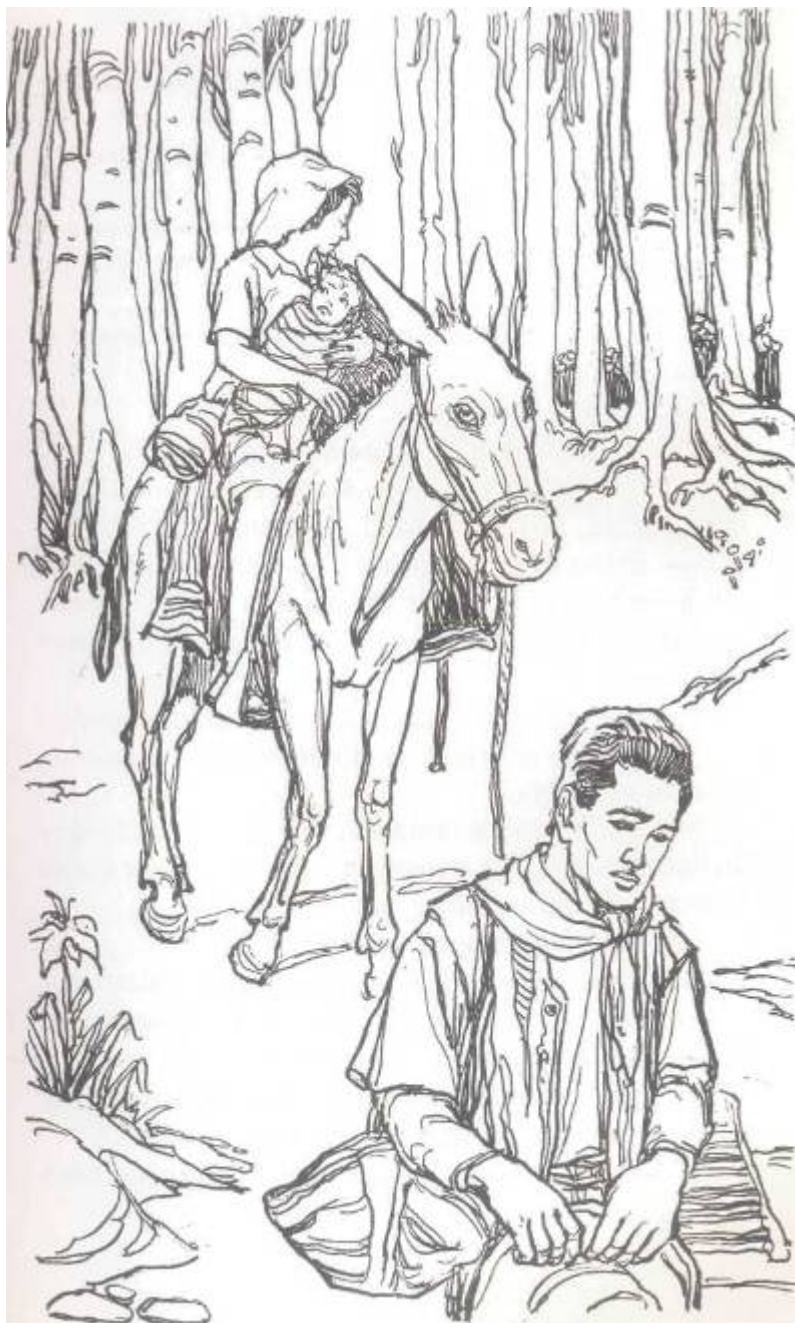
“— Elvira, com o susto, deu à luz um menino.

“— É preciso que ela venha me encontrar o quanto antes. Temos que fugir.

“— Sim — concordou Micaela. — Mas para onde?

“— Não sei ainda. Ficarei aqui até amanhã. À noite você pode trazer a nossa mula, com Elvira e o menino.

“— Elvira poderá sentir-se mal. Devia deixar o menino comigo!



“— Faça o que digo.

“Na noite seguinte, Micaela regressou com Elvira e o menino sobre a mula. A mãe estava muito pálida e aflita. No seu regaço o volume da criança.

“— Estão me perseguindo? — perguntou Claudio à irmã, depois de ter abraçado a mulher e contemplado pela primeira vez, à luz das estrelas, o rosto do filho.

“— Mas não o procuram aqui. Vá logo embora!

“E entregou ao irmão uma bolsinha com algumas moedas de prata.

“— São para a viagem. — E acrescentou, inclinando-se sobre o menino, que Elvira abraçava com amor:

“— Deus te abençoe, pobrezinho!

“Sem mais palavras, Claudio, tendo se despedido da irmã, tomou a rédea do animal e puseram-se a caminho na escuridão da noite.”

Num profundo silêncio cheio de espanto, os frades escutavam. O Superior fez uma pausa.

— Temos ao menos um consolo: o menino nem tomou conhecimento dessa história tão triste... — disse Frei Dodói.

— Será que ainda vivem? — apressou-se em interrogar o Irmão Gil. — Terão sabido da morte do filho?

O Superior olhou-o com bondade e replicou:

— Cada coisa em sua hora, irmão. Continuemos a história. Dormindo durante o dia em lugares distantes dos caminhos e só andando à noite, Claudio e Elvira prosseguiram com o filho a penosa viagem. Ela, cada vez mais fraca, acompanhava o marido com grande esforço, alimentando o menino o quanto podia.

“As moedas de prata logo chegaram ao fim, com as pequenas compras que Claudio, ao cair da noite, ia fazendo pelas vendas mais afastadas da estrada principal.

“— Ai, Claudio, a coisa está cada vez mais difícil! — lamentava Elvira de vez em quando, sentindo-se doente e achando que não resistiria para criar o filho.

“— Talvez a gente consiga atravessar a fronteira — respondia ele.

“— Mas há peste por lá; é o que diziam no povoado...

“— Mas aqui há morte, Elvira, se a justiça me apanhar — raciocinava ele.

“Finalmente desfalecendo de fome e dor, de medo e fadiga, ele resolveu entrar num povoado para comprar, com as últimas moedas, um pouco de alimento.

“Deixando a mula na praça com a mãe e o menino, entrou numa venda.

“— O senhor não é daqui, é? — perguntou-lhe o dono.

“— Estou de passagem — disse Claudio vagamente.

“Comprou um pão, uma garrafa de vinho e algumas sardinhas. Ao sair da venda, o homem olhava-o curioso e aproximou-se da janela para ver por onde ia.

“A mula tentava morder a relva do chão lamacento, enquanto o menino se conservava quietinho no colo da mãe.

“O vendeiro, com uma cara desconfiada, parecia ter tomado uma decisão, pois jogou uma jaqueta aos ombros e foi para a rua.

“Claudio, tendo desamarrado a rédea da mula e metido as provisões nos alforjes, pôs-se a caminho, só se detendo um pouco mais longe para comerem.

“— Assim nunca vamos chegar — dizia Claudio.

“— Pena que eu não possa te ajudar -lamentava-se Elvira.

“Claudio, numa súbita inspiração, olhou para onde estava o menino. A alguns passos, a mula mordiscava os ramos de uma árvore, junto à qual, bem abrigada, repousava a criancinha. Claudio hesitava, mas disse enfim:

“— E se deixássemos o menino?...

“— Isso nunca! — exclamou a mãe, com voz trêmula.

“Retomada a viagem, surgiu ao longe uma grande casa em pleno campo. Claudio olhou-a atentamente. E, enquanto caminhava, podia-se ler em seus olhos uma decisão, pois seguiu naquele rumo.

“À medida que se aproximavam, o que julgavam ser uma granja ia se transformando num convento.

“— Quem melhor que estes frades ou monjas poderiam tomar conta do nosso filho? — insinuou Claudio.

“Elvira pôs-se a chorar:

“— Meu filho nem tem nome ainda, pois não foi batizado...

“— Vamos dar-lhe um nome agora — propôs ele.

“— Gostaria que tivesse o nome do pai — dizia ela, apertando o filho contra si.

“Ainda não amanhecera de todo quando Claudio fez a mula parar pertinho do convento e tentou tirar o menino dos braços da mãe. Ela o apertava cada vez mais contra o peito, enquanto Claudio dizia, angustiado:

“— Minha vida corre perigo, Elvira! Se me apanham, vão matar-me, e não quero morrer tão cedo! Me dê o menino, pelo amor de Deus; vai ver como será melhor. Ficaremos sabendo onde ele se encontra, podendo um dia vir buscá-lo... Mas trate de chorar mais baixo, para que não nos escutem.

“Finalmente, sobre a mula só ficou a mãe, debruçada sobre o silhão, e seus soluços silenciosos sacudiam a manta que lhe cobria os ombros.

“Claudio, tendo depositado cuidadosamente o menino à porta do

convento, voltou depressa. Em seguida, tomando a rédea do animal e quase deixando escapar um soluço ao abraçar a mulher, pôs-se a caminhar o mais rápido possível.”

— E foi então que o encontraram! — recordou Frei Porta.

— Isto mesmo, irmão — concordou o Superior.

— Como chorava o pobrezinho!

— Em seguida, o sino tocou e viemos todos — disse Frei Dodói.

— E Frei Papinha tomou-o consigo e mal nos deixava tocá-lo — queixou-se Frei Blém-Blém...

Frei Papinha sorriu:

— Estava morrendo de fome...

— E todos começamos a procurar acomodação para ele em alguma família do povoado — disse Frei Bernardo.

— É melhor não comentarmos isso... — interrompeu sorrindo o Padre Superior.

— Então os pais do menino souberam de tudo pela irmã? — perguntou Frei Então.

— Escreviam-se muito pouco, porque ele teve de fugir para Cuba. Disse-me a irmã que já lhe mandara a notícia, é só o que sei.

Houve uma pequena pausa.

— Agora foi o menino que nos abandonou — suspirou Frei Papinha, mergulhado em seu pesar.

— Lembre-se, irmão, que temos todos de abandonar os que amamos, a fim de cumprir nosso destino; mas nos encontraremos um dia lá em cima. — E o Superior indicou com a mão o teto de seu gabinete, recoberto de vigas por causa das obras que empreendiam no convento.

Marcelino se lembrava de quando aprendera a benzer-se. Era tão pequeno, engatinhava ainda, quando o Padre Superior tomou a si a tarefa de ensinar-lhe.

Pouco depois, quis o padre ir mais longe, com o Pelo-Sinal. A tarefa era bem mais difícil do que imaginara. E o Padre Superior, lendo de fazer tudo o que os outros faziam e de tomar conta de todos, acabou cedendo o posto a Frei Papinha. Este, um belo dia, após ingentes esforços, pôde comunicar à comunidade que a missão estava cumprida: Marcelino já se persignava sozinho.

Mas quem lhe ensinou mesmo a rezar foi Frei Dodói. Como passava grandes temporadas na cela sem poder mover-se de dor e sabendo mais histórias que nenhum outro, Marcelino não tinha dificuldades em estar sempre com ele. As primeiras orações que Frei Dodói lhe ensinou foram três, e bem curtas. A primeira era assim: “Jesus, que foste menino, sê meu amigo.” A segunda: “Virgem Maria, cuida de mim, que não tenho mãe.” E finalmente a terceira: “Bendito São Francisco, toma conta de meu pai e de minha mãe.” (Na verdade, Marcelino, nesta última oração, punha primeiro a mãe.) Logo em seguida já aprendia o Pai-Nosso e a Ave-Maria, a Salve-Rainha e o Credo. Este só até a passagem onde se diz “Subiu ao céu, onde está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso”, porque, chegando aí, voltara a recomeçar “Criador do céu e da terra tornando a oração interminável. O próprio Frei Dodói, se não sentia muitas dores no momento, punha-se a rir. Outras ocasiões deixava embalar-se por aquela vozinha, que rezava uma oração sem fim nem princípio, como nos deixamos acariciar por uma brisa de verão.

Na última noite de Natal, Frei Então havia começado a contar-lhe a vida de Jesus. Frei Então se chamava Frei Então porque Marcelino lhe pusera este apelido um ano atrás. Era um pouco gago e só com a palavra “então” conseguia dar partida: “Então fomos...”, “Então, quando Vossa Paternidade...” Chegou mesmo a dizer um dia na capela: “Então, em nome do Pai, do Filho e do Espírito

Santo...” Frei Então era alto e magrinho, de pernas muito compridas, mas andava sempre devagar. Como todos os frades, gostava de Marcelino, mas o menino tinha-lhe um pouco de medo por causa de sua altura.

Naquela noite de Natal Frei Então, encarregado de Marcelino pelo Superior, havia lhe infligido um relato meio monótono sobre a infância de Jesus e a Sagrada Família. A única escapatória de Marcelino era fazer perguntas, coisa em que se tornara mestre. Assim, para desespero de Frei Então, Marcelino conseguiu saber como era Herodes, como cortavam a cabeça dos meninos; como era a estrebaria de Belém e porque a Virgem e São José, embora levando dinheiro, preferiram que o menino nascesse entre os animais da estrebaria; como era uma oficina de carpinteiro e se o Menino Jesus não fazia algumas travessuras como ele. Também perguntou se Jesus teria um cachorro ou um gato, se esfolava os joelhos quando caía e se lutava com os meninos da sua idade.

Frei Então, na maioria destas perguntas, respondia como Deus era servido, deduzindo Marcelino que o frade não sabia nada, ou então sabia muito pouco daquilo que estava ensinando... Sozinho, em seus momentos de calma ou à hora da merenda, encostado a uma árvore, imaginava o Menino Jesus na carpintaria e na praça de Nazaré, com os outros meninos e meninas do povoado. Mas logo deixava isso de lado, porque outra coisa mais próxima lhe chamava a atenção.

Na primavera seguinte, lá pela Semana Santa, que naturalmente era muito celebrada no convento, embora então se passasse mais fome por causa do jejum, Frei Blém-Blém foi encarregado pelo Padre Superior de explicar a Marcelino a Paixão e Morte de Jesus. Frei Blém-Blém era muito mais engraçado que Frei Então, mas em compensação tinha um gênio muito pior, chegando um dia a dar um puxão de orelha em Marcelino, que ficou com medo de acabar com uma só, leito o gato Mochito, seu segundo amigo entre os bichos. O primeiro, é claro, era sua ama-de-leite, a cabra, a quem Frei Dodói chamava “Amaltéia”, só ele sabia por que.



Frei Blém-Blém, inteirado no notório fracasso de Frei Então ao explicar a Marcelino a vida infantil de Jesus, procurou um método melhor. Experimentou contar-lhe a Paixão através de um menino daquele tempo que a teria assistido, conseguindo então interessar Marcelino, que chegava a ir em busca do frade, em horas pouco oportunas, para que continuasse a história. Pois Marcelino via-se na pele do menino julgando ser ele quem assistia à Paixão, achando-se com o pai diante do Pretório, a pedir aos gritos, horrorizado, mas cumprindo a ordem paterna, que crucificassem Jesus.

Tudo isso porém tivera uma causa. Pois Marcelino, três ou quatro dias

antes do Domingo de Ramos, quando brincava com uma pobre mosca da qual arrancara as asas e não deixava escapar, foi chamado por Frei Pio. Não querendo perder o brinquedo, calcou a mosca com o pé, dando-a por morta. Mas, antes de correr em direção ao irmão, vendo que a pobrezinha ainda movia as pernas, pisou-a de novo. Embora Frei Pio tivesse visto tudo, quis certificar-se pelo próprio garoto e perguntou-lhe:

— Por que a pisou de novo?

— Porque estava pouco morta — respondeu Marcelino.

O irmão deu-lhe então um puxão de cabelo. Marcelino esteve a ponto de chorar, pois Frei Pio começou a fazer-lhe um sermão sobre o amor que devemos ter entre nós, por ordem de Deus, e também para com os outros. Não contente com o sermão, foi contar ao Padre Superior a façanha de Marcelino com a mosca, o que levou o Superior a chamá-lo à sua presença, falando-lhe de novo sobre o amor.

Amor era uma palavra que Marcelino ouvia no convento a torto e a direito, não só nas orações dos frades, mas também em suas conversas e leituras. Assim foi que Marcelino, pela primeira vez prestando atenção à palavra e escutando de cabeça baixa a repreensão que se prolongava, sentiu realmente o desejo de saber o que significava amor:

— Eu não sei o que é amor...

Foi justamente então que tiveram início as explicações de Frei Blém-Blém, o sineiro e sacristão do convento. E Marcelino foi compreendendo o que era o amor através daquele menino que assistira à Paixão e parecia ser ele mesmo. O amor a Deus era o mais importante, fonte e fundamento dos outros, como o amor à família, aos animais, à pátria, ao trabalho e tudo mais.

Mas acontecia que, quando sozinho, procurava dentro de si os objetos do seu amor, surgiam poucos. Gostava dos frades, é claro. Gostava também da sua cabra e do Mochito. Porém amar, amar como Frei Blém-Blém dizia, só amava sua mãe, que jamais vira, e também Manuel, desde que o vira. Claro que, pensando bem, Deus, que era Jesus, era também muito importante. Mas Marcelino não acreditava muito na história da Redenção, pois perguntava a si próprio:

— Mas se Deus podia tudo, por que não matou Herodes, Pilatos e os

judeus?

Então lembrava-se de que o próprio Deus havia ordenado não matar. Voltava aos seus pensamentos, parecendo-lhe agora insuportável que a Jesus, sendo Deus, lhe houvessem cuspidos, batido, crucificado e espetado com uma lança. Na primeira vez em que pensou nisto, deixando o seu pão no chão, correu até a portaria e perguntou:

— Frei Porta, o que é uma lança?

E quando voltou, já sabendo o que era, e viu seu pão coberto de formigas, não ficou com raiva. Ia matá-las, mas se lembrou de Jesus e as foi tirando uma por uma, deixando-as no chão em liberdade e dando-lhes ainda um pedaço de pão. Em seguida, ficou olhando para diante de si, sem pensar coisa alguma, mas sentindo-se intensamente feliz, embora sem saber a razão.

Tinha de amar a tudo e a todos. Se Jesus, que era Deus, o fizera, quanto mais devíamos fazê-lo nós, pelo menos um pouco.

E Marcelino resolveu amar tudo loucamente, pondo-se a ajudar os irmãos da horta, como também a Frei Papinha. Levou capim fresco para a cabra. Subiu para visitar Frei Dodói. E, tomando Mochito nos braços, ficou imaginando como pôr-lhe uma orelha no lugar da que faltava, mesmo que arrancada de outro gato que às vezes aparecia de noite.

Por fim, quando chamaram Marcelino para a ceia no refeitório, onde se sentou, como de costume, diante do Superior, ele se lembrou de tudo aquilo e disse, em plena refeição:

— Padre, estou amando!

Mas logo, envolvido pelo silêncio da refeição, caiu no sono, com a cabecinha apoiada à mesa. E Frei Papinha, tomando-o nos braços, levou-o para a cama.

Marcelino e o Anjo prosseguiram calados seu maravilhoso caminho. Atravessavam, em uma noite iluminada estranhamente por luzes cambiantes e fugidias, um bosque cheio de mistério.

De repente, o menino disse:

— Então vou ver também Adão e Eva, todos os santos e santas, São Francisco Xavier e Santa Teresa, e todos os anjos como você?

— Isto mesmo, Marcelino, se Deus for servido.

Caminharam mais um pouco entre aquelas árvores jamais imaginadas, e agora foi o Anjo quem perguntou, parecendo surpreso:

— Mas entre todos estes que enumeraste falta um que tem muito a ver contigo...

— Comigo?

— Sim, um pequenino e desbotado, de barbinha rala, que tinha nas mãos e nos pés as mesmas feridas do Senhor...

Os olhos de Marcelino brilharam.

— São Francisco!

— Ele mesmo.

— Eu sempre ficava olhando o seu retrato na capela...

— E sabes aquele cântico que São Francisco de Assis escreveu?

— Um pouco...

— Vamos ver.

Ia amanhecendo no bosque, que a luz do sol, penetrando por cima, transformava numa espécie de catedral.

Como Marcelino permanecesse em silêncio, o Anjo começou a recitar:

— “Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas...”



E Marcelino respondeu:

— “...especialmente o irmão Sol...”

— “...o qual” — disse o Anjo — “faz nascer o dia e nos dá a luz...”

Marcelino calou-se de novo, e o Anjo prosseguiu:

— “E é belo e radiante, com grande esplendor.” Vamos, será que não sabes mais?

— “Louvado sejas, meu Senhor” — disse Marcelino — “pela irmã Lua e as Estrelas...”

— “*In celu l'ai formate clarite, pretiose e belle...*”

Marcelino, riu:

— Frei Dodói também sabia em italiano!

Porém o Anjo, arrebatado de amor, continuava a recitar sozinho, convocando com suas palavras as belas imagens do Cântico que se desdobrava sobre eles qual preciosa tapeçaria:

— Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão Vento,
e pelo Ar, a Neblina, o Sereno e todo o Tempo.

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã Água,
que é tão útil, humilde, preciosa e casta.

Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão Fogo,
com o qual iluminas a escuridão da Noite,
e é belo, e alegre, e robusto, e forte.

Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã, a Mãe Terra,
que nos sustenta e governa produzindo seus frutos,
ervas e flores coloridas.

Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã, a Morte,
da qual nenhum vivente pode escapar.

Caminhavam de mãos dadas e permaneceram em silêncio por algum tempo. Já raiava o dia no bosque, porém Marcelino começara a lembrar-se era de certa tarde em que a irmã Água e a irmã Tesoura, as duas juntas, lhe fizeram passar maus momentos...

Na cozinha, sentado na mesa de madeira e com um grande pano branco que lhe caía dos ombros aos pés, Marcelino “deixava” Frei Papinha cortar-lhe a cabeleira com tesoura mais própria para tosquiar ovelha. A boca e as orelhas do menino estavam cheias de aparas de cabelo.

— Estão me espetando... — protestava, desesperado.

— Já estamos acabando...

— E depois?

Os olhos de Marcelino examinavam com desagrado duas grandes chaleiras ao fogo e uma titia de água fria no chão.

— Depois, o banho. Você é um menino limpo...

— Mas se estou limpo, por que me dar banho?

— Para que não vire um porco. Pronto! Está na hora...

O irmão cozinheiro desamarrou o pano, limpou o melhor que pôde os fragmentos de cabelo e pôs o menino no chão.

Naquele momento chegavam vários frades, entre os quais o Irmão Gil, Frei Blém-Blém e Frei Porta.

— Vai ser agora? — perguntou o Irmão Gil.

— Não quero que ninguém me veja! — resmungou Marcelino, enquanto Frei Papinha o despia.

— Ninguém vai te ver, meu filho — garantiu o cozinheiro, enquanto dois dos frades despejavam a água quente das chaleiras na tina.

— Por que está me vestindo a camisola? — disse Marcelino.

— Porque já está ficando grande e é melhor esconder suas indecências.

E, ao dizer isto, o cozinheiro enfiava uma ampla camisola no corpo nu de Marcelino.

O menino pensava em “suas indecências”, enquanto os frades assistiam ao banho, decepcionados. Eslava de pé, no meio da água, e Frei Papinha o ensaboava por baixo da camisola com uma esponja ou esfregão. Finalmente, o menino manifestou suas cogitações sobre indecência.

— Frei Papinha, o umbigo é uma indecência?

O frade pôs-se a rir, ao mesmo tempo que seus companheiros.

— Não, Marcelino; não é uma indecência.

— Está entrando sabão no meu olho...

— Está bem, vou ter mais cuidado.

— E você, Frei Papinha, você tem umbigo?

A gargalhada foi geral, com exceção do escandalizado Frei Papinha, que interpelou os irmãos:

— Será que os senhores não têm nada o que fazer noutro lugar?

Sempre rindo, os frades se retiraram, enquanto o cozinheiro dizia ao menino:

— Olhe, Marcelino: todos temos umbigo; mas trate de ficar quieto. Sabe que estamos fazendo tudo isto porque hoje é noite de Natal...

Havia nevado na véspera, e o campo estava todo branco, para grande alegria de Marcelino e bastante preocupação para os frades: até que a neve

desaparecesse, ficariam, sem as costumeiras esmolas.

Contemplando o desolado panorama, Irmão Gil exclamou:

— Apesar de tudo, gosto que esteja nevando...

Frei Blém-Blém, a seu lado, respondeu melancolicamente:

— Este ano não nos trarão presentes, de tão ruins que estão os caminhos...

Irá ver logo, irmão, como gostará bem menos do que vai encontrar no prato...

O Irmão Gil deu de ombros.

— Já passei fome quando era pequeno.

Marcelino observava os frades mais jovens removerem a neve dos telhados, já muito carcomidos para suportar tanto peso.

— É muito pequeno para estar acordado tão tarde! — dizia Frei Papinha ao menino à entrada.

— Olha, irmão — respondeu o Superior — se os pastores de Belém estivessem certos como nós de que o Menino Jesus nasceria aquela noite, de certo lhe teriam levado seus filhinhos.

E, chamando Marcelino para perto de si, o Superior prosseguiu:

— Quer ver agora como os frades armam o presépio? Lembra-se do ano passado?

— Lembro! — respondeu o menino, entusiasmado.

Pelas péssimas escadas do sótão subiam e desciam os frades, transportando alguns volumes. Marcelino olhava-os de olhos escancarados.

Num momento em que não havia nenhum na escada, subiu um degrau, mas logo uma voz lhe recordava a proibição.

— É proibido subir esta escada!

Finalmente, quando Frei Então desceu com uma grande caixa, Marcelino pôs-se a correr atrás dele feito um cachorrinho.

Ao abrir-se o caixote na capela, na presença do sacristão Frei Blém-Blém e de vários outros frades, Marcelino pôde ver como iam aparecendo, envoltas em papéis e trapos, quase todas estropiadas pelo tempo, as figuras de barro do presépio.

As ovelhas e carneiros tinham menos patas que as previstas pela Mãe Natureza; pastores e Reis Magos eram de tamanhos muito diferentes, como se houvessem chegado a Belém muito distanciados uns dos outros.

Porém os frades evitaram que Marcelino pudesse ver direito a figura do Menino Jesus, a maior de todas.

— Nesta não se pode tocar — disse Frei Blém-Blém.

Por isso, para entretê-lo, deram-lhe algumas ovelhas e cabras quebradas e mandaram-no para um canto, a fim de separar as mais estropiadas e as que tivessem algum conserto.

De repente, Frei Bernardo descobriu que estava faltando a figura de Nossa Senhora.

— Parece-me que está faltando a Virgem!

Houve silêncio geral.

— É claro! — assegurou Frei Então. — Espatifou-se o ano passado...

— Que faremos agora? — perguntava Frei Blém-Blém, desolado.

— Um presépio sem Maria é como a terra sem o sol — disse Frei Bernardo.

— Teremos que avisar o Padre Superior — disse Frei Porta, afobado.

De tanto ouvir falar na Virgem, a curiosidade de Marcelino despertou. Intrometeu-se entre os frades, com as mãos cheias de figuras quebradas.

— E o que é virgem? — perguntou.

Houve outro silêncio entre os frades que trocaram alguns olhares. Até que Frei Porta aceitou o desafio e disse:

— É ser pura, é ser jovem, é ser flor...

— E era jovem a Virgem Maria? — perguntou o menino.

— Jovem era — respondeu o frade. — E nosso bom São Francisco a saudava, dizendo: “Salve, palácio de Deus e vestimenta sua.”

— E ela quebrou-se?

— Mas você não deve dizer nada — disse Frei Porta, alarmado.

O menino deixou as figurinhas nas mãos de Frei Blém-Blém e saiu correndo. Tivera uma idéia.

No fundo do convento, encostada ao muro e em lugar protegido contra o calor da tarde, encontrava-se a rústica estufa do Irmão Gil, onde ele cultivava com carinho flores mais duradouras para ornamento do altar.

Marcelino correu pela neve e entrou na estufa, empurrando a porta com força. Examinando os diversos vasos, pequenos e grandes, logo se agachou junto

a um deles.

Quando voltou à capela, os frades continuavam matutando, mas gritou-lhes na porta:

— Estou trazendo a Virgem!

E, afastando as mãos devagar à luz movediça das velas, mostrou a todos o levíssimo tesouro de uma delicada flor azul.

À noite, o presépio eslava pronto. Destacava-se, entre todas, a figura do Menino Jesus, bem grande, com os braços meio erguidos para o ar, como num abraço, tendo um pé escondido entre as palhas da manjedoura. Junto a ele, São José com o seu bordão. E, do outro lado, a Flor Azul, que representava Maria.

Fazia ela um belo efeito, não se vendo sob o musgo a pequena jarra com água morna e açúcar, que a sustentava e nutria, para que durasse o mais possível.

Os frades tinham se reunido em dois grupos: um, que ajudava Frei Dodói a paramentar-se para a missa; outro, com Marcelino no meio, que se alvoroçava junto ao presépio.

O Padre Superior tinha dito ao vê-lo:

— Que beleza! E esta flor?

Os frades, preocupados, entreolharam-se.

— Foi idéia de Marcelino — disse Providencialmente o Irmão Gil.

O Superior sorriu para o menino e dirigiu-se a Frei Dodói, a quem perguntou:

— Está sentindo dores agora?

— Sempre estão a morder-me estes queridos cachorros... — disse sorrindo o velho frade. E acrescentou: — Mas já me restam poucas missas, e esta talvez seja a última...

Haviam saído, com um velho pandeiro e uma cuíca novinha, fabricada para Marcelino; Frei Papinha fazia ressoar duas velhas Colheres, enquanto outros marcavam o compasso da cantiga tamborilando nos bancos.

Frei Melro cantava com sua bela voz:

Oh fica, Senhor, comigo,
sem jamais daqui partir;
mas, quando quiseres ir,

me leves também contigo!
O pensar que irás daqui
me causa uma grande dor:
a de partir meu Senhor
ou a de ver-me sem Ti...

Até que, ao sinal do Superior, todos ficaram em silêncio, e teve início a missa, quase ao mesmo tempo em que a pífia música do harmônio de Frei Bernardo.

Os frades ajudavam Frei Dodói a manter-se de pé, o que raramente conseguia, por causa de suas dores. Marcelino assistia a tudo de joelhos, junto ao Superior.

Lá fora nevava. A lua ia alta como uma lanterna a iluminar a terra toda de branco, mas parecendo querer penetrar no convento em busca de um calorzinho e das cores perdidas.

Terminadas a missa e a música, Frei Bernardo aproximou-se do presépio e tomou nas mãos, sobre um pano branco, o Menino de Belém. Entregou-o a Frei Dodói, a quem o Irmão Gil oferecera uma cadeira. Todos os frades, um a um, foram beijando o pé de Jesus, menos Marcelino, que não era de meias medidas e o beijou em pleno rosto.

Encerrada com grande devoção a cerimônia, o Superior aproximou-se de Marcelino e beijou-lhe a testa:

— Feliz Natal, Marcelino!

Em seguida, levou o menino até Frei Dodói, ainda na cadeira, e o fez inclinar-se para que o velho o beijasse.

— Feliz Natal, Marcelino!

O Superior fez sinal aos outros irmãos, para que os imitassem, e todos beijavam a testa do menino, enquanto diziam:

— Feliz Natal, Marcelino!

O menino, muito espantado, não se conteve:

— Nunca me beijaram tanto...

— Hoje é noite de Natal! — disse o Superior e acrescentou: — Mas agora temos todos de ir dormir...

Os frades foram saindo. Frei Papinha levava o menino consigo, enquanto Frei Blém-Blém apagava as velas, deixando apenas a lamparina acesa.

Marcelino em sua cama, bem embrulhado no cobertor, a cobrir-se e recobrir-se, deve ler pensado no frio da capela e sentiu um sobressalto.

— Lá deve estar gelado! — disse em voz alta.

Apurando o ouvido e verificando que os frades dormiam ou rezavam trancados nas ceias, deslizou da cama às apalpadelas e descalço.

Foi direto à capela. À escassa luz de azeite que brilhava no altar, dirigiu-se ao presépio, com grande cuidado para não fazer barulho, e tomou o Menino Jesus nos braços. Só então descobriu que lhe faltava o pé esquerdo...

Deteve-se um instante, muito espantado, e finalmente beijou, com muito cuidado e grande pena, o lugar exato da “ferida”.

Depois encaminhou-se para a porta.

Chegou à cela tiritando de frio e batendo os dentes, enquanto envolvia Jesus nas fraldas não muito limpas da sua camisola. Pôs-se na cama sem largar o Menino Jesus e abrigou-o cuidadosamente sob a manta, entre os seus braços. Disse-lhe então:

— Agora está ou não está quente?

Voltemos a Marcelino e seu Anjo, que escalavam a montanha. A história da noite de Natal havia terminado, e o Anjo tivera várias vezes de vir em socorro da memória do menino. Agora caminhavam em silêncio, até que o Anjo, sem soltar-lhe a mão, perguntou:

— Por que dizes que não vamos chegar nunca?

— Porque estas montanhas são muito altas — respondeu o menino.

— No céu, Marcelino, não existe a palavra *nunca*.

— E a palavra *sempre*?

— Esta, sim. Tu vais ver: o tempo que conheces, os dias, as semanas, os meses... aqui são diferentes. É uma outra espécie de tempo, compreendeste?

— Não.

— Bom, Marcelino. É uma coisa difícil de explicar a um menino. No céu um minuto é como um ano ou vice-versa...

— E lá tem verão?

O Anjo sorriu, achando graça:

— Gostas muito do verão?

— Demais — disse Marcelino. — Faz um calorzinho, chega a cegonha e se mete em seu ninho no telhado do convento... É preciso trazer água de longe, nas costas do burro... Às vezes me punham também em cima dele! No verão ficava sempre brincando fora de casa.

— E no outono?

Marcelino respondeu melancolicamente:

— No outono chovia; no último, fomos comprar livros para que eu estudasse... Mas as andorinhas iam embora... Frei Porta dizia que voavam para a África...

— E no inverno?

Quase com tristeza, Marcelino respondeu:

— No inverno fazia muito frio, e eu tinha de aprender catecismo na cozinha; todas as plantas iam morrendo... Ficar sempre trancado em casa...

— Ainda bem que existe a primavera...

Marcelino disse alegremente:

— Na primavera vinha o vento e eu já podia sair um pouco!

— Na primavera nasceste — lembrou o Anjo. — Foi então que te abandonaram...

— E quem me abandonou?

— Eras um recém-nascido, Marcelino; só podiam ser teus pais.

— Você não sabe?

O Anjo evitou responder.

— O que é que os frades te diziam?

— Diziam que tinha sido Deus que me pusera na porta do convento...

— Se eles diziam isso, era verdade.

— E você, sendo Anjo, não sabia?

— Eu sou teu Anjo, mas não de tua mãe. Ela tinha outro, como todas as pessoas...

— Os frades diziam que ela já estava no céu. Como foi que ela morreu?

— Ela mesma vai te contar, logo que a vires.

O Padre Superior acabava de chegar ao convento, tendo se detido um pouco a fiscalizar o andamento das obras, nas quais os frades também trabalhavam.

Estavam muito engraçados, os coitados, a funcionar como pedreiros, lembrando os tempos em que o Superior, Frei Porta e Frei Dodói, ainda jovens, fundavam o convento.

Caíra um pingo de massa no nariz de Frei Porta, que sacudia a cabeça para livrar-se dele.

O Irmão Gil cobria sua cabeça com um grande lenço branco, arrematado com quatro nós grotescos, parecendo quatro orelhas.

Naquele momento, bem na cara do Superior, Frei Papinha, mexendo a massa com um pau, levava à boca um dedo salpicado, como se fosse uma sopa... O Superior segurou-lhe o braço, sorrindo:

— O que está fazendo, irmão?

— Queira desculpar-me, padre; já não sou o mesmo desde a morte do nosso menino... Imagine que outro dia tive de jogar fora todo o café com leite da manhã!

— Todo o café com leite?

— Isto mesmo, padre. Em lugar de açúcar tinha-lhe posto alho e cebola...

O Superior abanou a cabeça compassivamente e deu-lhe uma palmadinha carinhosa no ombro.

— É preciso ter mais cuidado com a saúde, irmão... É preciso descansar um pouco. Quem sabe seria bom se passasse umas duas semanas no convento da capital...

Frei Papinha protestou veementemente:

— De modo algum, padre! Pelo amor de Deus! Não quero separar-me nunca desta casa.

O Superior dirigiu-se a todos:

— Bem, irmãos. Trago hoje outras notícias. Deixem o trabalho e reúnam-se, que os espero no escritório.



O Superior entrou no convento. Os frades, tendo-se limpado um pouco, avisaram aos demais e reuniram-se todos onde ele ordenara.

— Escutem, irmãos: o pai de Marcelino escreveu de Cuba à irmã. Eis a carta.

E o Superior apontou-a sobre a mesa.

— Traz o relato da morte de sua mulher. Já soube da morte do filho. Vejam agora o que ele diz.

Ajeitou os óculos e começou a ler:

— “Depois de abandonarmos o menino, continuamos a fugir, evitando os caminhos mais conhecidos, passando fome e vendendo parte de nossas roupas aos ciganos por um pedaço de pão.

“A pobre Elvira mal se agüentava em pé, devido ao cansaço, ao sofrimento e à fraqueza... Eu sentia-me cada vez mais temeroso: qualquer pessoa que encontrava, parecia que vinha prender-me.

“Íamos rumando para a serra, onde pensava encontrar um refúgio seguro e obter algum dinheiro, a fim de embarcarmos logo para qualquer lugar, desde que bem longe da Espanha...

“Ao chegarmos à serra, Elvira se encontrava cada vez pior e mais aflita. No segundo dia começou a chuva. Íamos encosta acima, sempre encosta acima, por caminhos cada vez mais pedregosos, íngremes e difíceis, quase cegos pela água e beirando despenhadeiros e barrancos.

“Elvira agarrava-se com as poucas forças que lhe restavam ao pescoço da mula, que eu procurava animar com palavras e tapinhas...

“Súbito, aquela noite, a burrica escorregou pelas pedras molhadas. Nada pude fazer para retê-la, cego pela chuva, sem forças e cheio de horror...

“Num instante, Elvira e a mula escapavam-me das mãos e rolavam sem nenhum rumor pelo barranco, numa brecha tão funda que não lhe via o fundo, apesar da luz dos relâmpagos.

“Em pânico e chorando, esperei chegar o dia e descí como pude até o fundo do abismo. Minha mulher jazia sem vida, e o animal destroçado. Ainda agora estremeço e não sei como consegui contar-lhe tudo isto.

“Só a morte de meu filho me deu coragem para fazê-lo. Já sabe agora como morreu Elvira, como já sabia que, depois de andar quase nu e faminto pela serra, pude encontrar trabalho e juntar dinheiro para chegar até aqui.”

O Padre Superior concluía a leitura da carta de Claudio.

— “Do teu infeliz irmão que muito te quer, Claudio.”

O Superior dobrou a carta e meteu-a no envelope. Em seguida pôs-se a olhar os frades, que não ousavam abrir a boca, acabrunhados pela desgraça daquele homem.

Até que o Irmão Gil rompeu o silêncio, impetuoso como de costume:

— Mas este rapaz não era inocente?

Todos os olhos se voltaram para ele.

— Não se lembram como nos foi dito que ocorreu a luta? Não se lembram que o homem, a quem Claudio esmurrou em defesa própria, teve a má sorte de tropeçar e quebrar a cabeça numa pedra? Então, o pobre rapaz pode voltar quando quiser!

— Não vá tão depressa, irmão! — disse o Superior. — Ainda que houvesse alguma testemunha a seu favor, pesa sobre ele a acusação de homicídio e, mais ainda, de ter fugido da justiça.

— Mas nós — observou Frei Dodói — poderíamos ajudá-lo a defender-se.

— Isto é evidente! — disse com firmeza o Superior.

Todos respiraram aliviados e alguns até sorriram.

— Bem, irmãos — disse o Superior levantando-se da cadeira — voltemos à construção.

— Imaginem Marcelino — disse então Frei Papinha — querendo ajudar a todos com sua pá e seu balde!

Os frades foram saindo aos poucos do escritório.

Marcelino e seu Anjo haviam transposto a montanha e descido uma imensa planície onde pastavam, separados, cavalos e bois. O menino apontou-os com a mão:

— Que estão fazendo?

— Estão pastando, Marcelino.

— E que é pastar?

— Comer.

— Estou me lembrando da minha cabra, do meu gato e de todos os outros bichos...

— E onde queres chegar com isso?

O menino não respondeu. Fez uma pausa e depois perguntou:

— E no céu há bichos?

— Já sabes um pouco a esse respeito...

— Eu! — perguntou Marcelino, espantado.

— Uma vez falaste disto no sótão.

— Foi mesmo! — lembrou-se Marcelino com alegria.

— Então...

O rosto do menino voltou a anuviar-se.

— Então, quero pedir a Jesus por todos eles.

— E quais são os outros?

— O cavalo de São Francisco... O boi e o burro da estrebaria de Belém...

O Anjo fez uma cara muito especial:

— E por aquele passarinho que feriste... E por tantos outros bichinhos que foram martirizados por ti.

Marcelino calou-se.

— Você sabe tudo? — perguntou de repente.

— Tudo o que se refere a ti.

— Você estava sempre comigo?



— Sempre.

— E as coisas que eu digo, você já sabia?

— Todas.

— Então, por que é que você quer que eu fique contando?

— Para saber se tu mesmo sabes.

— Claro que sei!

— Vamos ver! Conta-me, bem contado, aquela coisa dos bichos...

— Aquele dia eu subia ao sótão levando Mochito comigo...

E Marcelino contou como subira as escadas com o gato nos braços. Já era secretamente o amigo do Senhor e tinha-lhe levado comida várias vezes, inclusive um cobertor, no final do inverno. Conversara muito com ele sobre as suas feridas, os seus trajés e até sua Mãe.

O menino subira então, mas ignorava que, depois daquela, só estaria mais uma vez com Jesus ali no sótão, quando o Senhor lhe concederia o prêmio de poder encontrar-se com sua mãe.

O menino abriu a porta do sótão e dissera:

— Hoje vim lhe apresentar meu gato...

— Já o conheço, Marcelino — disse o Senhor.

— Você já o tinha visto?

— Algumas vezes veio aqui em cima atrás de ratos.

— Ele está sempre com fome!

— Tu não lhe dás de comer?

— Dou. Mas ele quer carne e peixe, e os frades só lhe dão batata e alface...

O Senhor estava na cruz e não desceu aquele dia.. Marcelino sentou-se no chão, abraçado ao gato, e o pobre bichano não via o momento de recuperar a liberdade.

— Outro dia você me disse que minha mãe estava no céu com a Tua...

— Isto mesmo, Marcelino.

— E como é o céu?

— É muito bonito e muito grande...

— E há um outro menor para os bichos?

— O céu dos animais está no coração dos homens, Marcelino.

— Não estou entendendo.

— Por exemplo: se fores bom para o teu gato, tu serás o céu de teu gato.

Se fores mau para ele, o teu gato...

— Chama-se Mochito!

— O teu gato não tem céu...

Marcelino, que estava retendo Mochito à viva força, soltou-o naquele instante, e o gato fugiu como um raio.

— Agora fui bom para ele?

— Foi, Marcelino.

O menino olhou em torno de si, buscando um assunto para continuar conversando com o Senhor. Por fim, encontrou o que dizer:

— Os frades também conversam com você?

— Conversam.

— Assim como eu agora?

— Não. Eles conversam comigo quando rezam.

— E como é que eu converso?

— Porque tu és um menino.

— O que tem isso?

— Os meninos são inocentes...

Marcelino surpreendeu-se e perguntou, sorrindo:

— Eu também sou inocente?

— Sim, és inocente.

— Mas os frades, quando se aborrecem, dizem que sou um grandíssimo pecador...

Fez-se silêncio. O sol, que já se punha, entrava pela janelinha e desenhava no chão uma grande moeda de ouro. Marcelino o viu e disse, muito contente:

— Não está mais chovendo.

— Queres ir brincar?

— Sim, eu vou.

Deu uns dois passos para a porta, mas parou e disse, voltado para a cruz:

— Manuel me falou que pode beijar sua mãe quando quer...

— As mães estão sempre querendo que seus filhos gostem delas...

— E a minha também?

— Também a tua, Marcelino.

— Vou-me embora. Vou dar de comer aos bichos.

— Mas não é hora...

— Você não disse que eu sou o céu deles? — E, antes de cerrar a porta, Marcelino garantiu: — Eu volto amanhã. Até amanhã.

— Até amanhã, Marcelino — disse o Senhor.

O Anjo e Marcelino caminhavam agora ao longo do mar, por uma imensa planície deserta, onde os passos não deixavam sinais sobre a areia.

— Este é o mar de Deus que você falava? — perguntou o menino.

— Todos os mares são dele...

— E este mar nunca tem fim?

— Este tem fim — disse o Anjo.

Marcelino ficou olhando o oceano e disse, finalmente:

— Ele vai encontrar-se com o céu...

— Parece, mas não é assim.

— E a gente ainda tem de andar muito?

— Bem menos do que até agora.

Querendo distraí-lo, o Anjo prosseguiu:

— No verão tu eras muito pior, Marcelino; tinhas mais tempo para fazer maldades...

— O pior era a hora da sesta.

— Por quê?

— Porque os frades me punham para dormir, e eu não tinha sono.

— Faziam isto porque no verão os dias são mais compridos.

— E eu ficava pensando que eram dois dias: um antes da sesta e outro depois.

— E o calor?

— As cigarras cantavam...

— E tu as perseguias, não é verdade?

— Era difícil apanhar as cigarras no meio das folhas. Tinham a mesma cor.

— E aquela história da água?

— Quando a mula torta ia buscar água no poço, me punham em cima dela.

Me diz uma coisa! — disse Marcelino de repente, quase gritando.

O Anjo olhou-o, surpreso.

— Como é que você não tem asas?

O Anjo sorriu:

— Só agora estás vendo isto?

— Como é que você não tem asa? Todo anjo tem asa...

— Nós somos espírito, Marcelino, e por isso não precisamos de asas.

— Mas também há anjos com asas.

— Também, mas acontece o seguinte: os homens querem explicar tudo segundo suas próprias idéias. Se os anjos voam, pensam que eles devem ter asas como os pássaros... A ciência dos homens é muito curiosa.

— A ciência? — perguntou Marcelino, interessado. — Os frades me contaram sua história. Diziam que a única ciência era a ciência de Deus.

— E o que mais? — perguntou o Anjo, divertido.

— Diziam que a única ciência era a que Deus ensinava aos homens...

— Mas disseram-te também outras coisas...

— Sim; disseram que os missionários é que iam pelo mundo ensinando a ciência mais importante, isto é, a de Deus. Mas que ensinavam também coisas menores.

— Quais?

— A geografia ou a gramática, como cultivar o campo e como fazer livros, como medir os anos e saber as horas por meio dos astros.

— Muito bem, Marcelino. Essa lição parece que tu aprendeste direitinho.

— E o Anjo pôs-se a rir.

— Lembra-se dos indígenas?

Marcelino mudou de expressão, rindo também.

— Você diz isso por causa da história das galinhas.

O Anjo olhou para o outro lado, escondendo o riso:

— Isto mesmo.

Fora naquele dia em que Frei Bernardo, indo e vindo da porta do convento até a árvore de Frei Dodói, havia falado com o menino sobre as missões.

— E que são os indígenas? — perguntara Marcelino.

— Os que nascem no lugar... Porém o mundo é muito grande, meu filho.

Na Ásia há homens completamente amarelos, na África completamente pretos, na América com pele vermelha...

— É mesmo? — perguntava Marcelino, de olhos arregalados.

Foi naquela tarde que o menino resolveu ser missionário a seu modo, isto é, imediatamente. Fazia um calor terrível, talvez por ser hora da sesta.

O menino ficou descalço para não fazer barulho e saltou pela janela da cela, que dava para um telhadinho muito baixo. Dali, atirou as sandálias ao chão e disse:

— Onde vão as sandálias, vai o seu dono.

Saltou e caiu no pátio, de fácil acesso à capela.

Na cômoda estavam não só os hábitos dos frades, mas também rosários e crucifixos de madeira que costumavam usar, guardados ali à espera de novos frades ou por já estarem imprestáveis. Mas não deviam ser jogados fora, por terem sido bentos.

Marcelino munuiu-se então de um enorme rosário, que colocou a tiracolo, e também de um não menor crucifixo de madeira, que enfiou pela abertura da camisa e lhe produziu um friozinho no peito.

Já apetrechado como missionário, saiu da capela.

De passagem, apanhara em algum lugar o chapéu de palha feito por Frei Papinha, pois já o trazia ao saltar, pela brecha do muro, em pleno campo.

Porém, antes de pôr mãos à obra, esquadrinhou o local até encontrar duas ou três pedrinhas lisas, redondas e brancas, que fazia voarem como flechas, quando necessário, e que ele próprio havia escolhido no regato, ao buscar água com os frades. E enfiou-as no bolso, porque Frei Bernardo lhe explicara que os indígenas muitas vezes comiam os pobres missionários.

Contudo, Marcelino teve de esperar agachado, de atalaia atrás de uma grande pedra, pois um homenzinho se aproximava pelo caminho de Manuel, transportando em seu burro um engradado de galinhas e frangos.

Ainda que fizesse um calor de rachar e Marcelino estivesse suando gotas salgadíssimas que lhe entravam pela boca, saiu do esconderijo e se apresentou no caminho daquele homem, erguendo numa das mãos o enorme rosário e na outra a cruz de madeira.

— Nem mais um passo! — gritou Marcelino. E logo acrescentou: —

Conheces o Deus verdadeiro?

O homenzinho, que tinha cara de maus bofes, barba cerrada, e trazia sob o chapéu de palha um lenço a proteger-lhe o cangote contra o sol, parou um instante, surpreso. Mas logo, lembrando-se de que os frades vizinhos criavam um menino recolhido há alguns anos, não deu resposta à extravagante pergunta, mas indagou:

— Você é o garoto dos frades? — e continuou caminhando ao lado do burro, sem meter-se em maiores complicações.

— Sou missionário! — gritava Marcelino, ainda guardando distância. — E você tem de dizer agora mesmo se crê ou não no Deus verdadeiro!

O homem encheu-se de paciência, embora não estivesse de muito bom humor por causa do calor e do seu bendito engradado, que oferecia pouca segurança de tão velho; por isso, procurou contemporizar:

— O que faz por aqui sozinho, com este fogo que cai do céu?

O garoto exibiu sua valentia e aproximou-se mais um pouco:

— Não me venha com histórias e responda à pergunta do Deus verdadeiro!

O aldeão, que já estava perdendo a paciência, fez ainda um esforço e observou:

— Está fazendo muito calor, menino, para essas brincadeiras...

Aquilo indignou Marcelino.

— Não é brincadeira! — vociferou. — Pode ver muito bem que tenho uma cruz e um rosário de verdade, e quero que confesse diante de mim o Deus verdadeiro; se você ainda não conhece Deus, posso explicar num instante!

Sem voltar-se sequer para olhá-lo, o homem seguiu caminho com o burro, indo ao encalço de ambos o pequeno “missionário”. Aborrecido por tão pouco caso, Marcelino gritou mais alto ainda:

— Se você é cristão, ponha-se de joelhos para rezar comigo; do contrário, vai se arrepender!

Então o aldeão virou-se e disse, de má vontade:

— Ora, menino, vá embora!

Marcelino sentiu-se mortalmente ofendido e julgou chegado o momento de mostrar quem era.

Sem uma palavra, recolheu o rosário e a cruz no peito, apanhou no bolso uma das pedrinhas brancas, fez pontaria e atirou-a contra o homem e seu burro.

A pedra deve ter atingido uma região muito sensível do animal que, dando um cômico pinote, arremessou ao chão o engradado de galinhas; este, despedaçando-se, deixou escapar primeiro dois frangos e, logo depois, todos os frangos e galinhas.

— Maldito pirralho! — esbravejou o aldeão, tentando capturar os fugitivos.

Mas não era fácil fazê-lo sozinho. Verificando isto, resolveu aliciar o endiabrado menino:

— Apesar de ser uma pestinha, vou te perdoar, se me ajudar a apanhar as galinhas! — propôs ele.

Marcelino compreendeu que a coisa ia se encaminhando: talvez o homem já houvesse refletido sobre o inconveniente de não ler desejado ser cristão com bons modos, e aceitou a proposta.

Correram ambos atrás das galinhas e, graças à agilidade do diabrete, conseguiram, enquanto se rezaria um Pai-Nosso, apanhar todas elas, tendo Marcelino se divertido a valer.

O homem não podia demorar-se a consertar o engradado. Por isso amarrou as patas das galinhas e meteu-as nos alforjes, colocando em cima de tudo o engradado desconjuntado.

Terminado este trabalho, Marcelino resolveu retomar sua tarefa de missionário, desta vez mais confiante. Tirou de novo a cruz com o rosário e começou a “pregar”:

— Você agora não pode dizer que os missionários não ajudam os indígenas! — começou o seu sermão.

Mas o homem estava no auge da irritação e, aproveitando-se da proximidade de Marcelino, deu-lhe um pontapé no traseiro, que quase o derrubou.

O menino se contorceu, vermelho de cólera, e gritou, enquanto se afastava prudentemente:

— Ah! Indígena, pior que indígena! Eu lhe perdoarei, porque você e um selvagem e ainda não conhece a ciência; mas não irá embora sem saber qual é o

Deus verdadeiro e como morreu numa cruz por você, seu burro e suas galinhas!

O homem estava desesperado e fingiu procurar uma pedra no chão, para assustar o menino; mas este, muito mais hábil naquela arte, voltando a guardar o rosário e a cruz debaixo da camisa, arremessou a sua segunda pedrinha com toda a precisão.

Ela foi atingir exatamente um dedo do pobre aldeão, que soltou um rugido de dor. Por fim, enfurecido, enquanto o burro retomava sozinho a estrada bem conhecida, partiu no encalço do menino. Apesar de homem maduro, conseguiu agarrá-lo. Depois de dar-lhe uns cascudos amarrou-lhe as mãos às costas, como fizera com as galinhas, colocando-o, mais um fardo, no lombo do pobre burro.

— E agora vamos para o convento! — gritou o homem.

Marcelino suportava sua humilhação com bravura; mas, quando começou a divisar ao longe a silhueta do convento, resolveu tentar uma aliança, exclamando com voz chorosa:

— Eu te dou o rosário, se você me soltar.

— Rosário nem meio rosário. Agora você vai aprender, maldito!

— Não se deve brincar com uma coisa santa, seu bruto! — vociferava Marcelino, de novo furioso e esforçando-se por libertar-se, esperneando sobre o burrico.

Os frades se espantaram à chegada da estranha comitiva. Frei Papinha exclamou, aflito:



— Que foi que você fez, meu filho?

— Que foi que ele fez? — gritou o aldeão, pondo o menino no chão. — Primeiro quase me arruinou e, em seguida, por pouco não me matava! — concluiu mostrando o dedo ensangüentado.

Longe ficara o mar, enquanto o menino e o Anjo prosseguiam.

— Esta foi uma das piores coisas que fizeste, Marcelino — garantiu o Anjo, muito sério.

— Das piores? — perguntou o menino com um arzinho exultante e malicioso, em decorrência do relato.

— Das piores.

— Mas por quê?

— Porque não se pode ensinar religião a pedra das...

— Pois levei muitos cascudos quando os frades me ensinavam o Credo...

Mais uma vez, o Anjo virou a cabeça para rir sem que o menino visse. Em seguida perguntou:

— E será que contavas ao Senhor todos os teus pecados?

— Você não estava lá comigo?

— Eu ficava esperando do lado de fora, quando falavas com o Senhor.

Marcelino baixou a cabeça, um pouco envergonhado, acrescentando com sincero arrependimento:

— Não lhe contei estes pecados. — E, depois de uma pausa, prosseguiu — Quando fiquei doente...

Marcelino tinha melhorado um pouco da insolação que apanhara, apesar do grande chapéu de palha, em suas aventuras missionárias sob o tórrido calor do verão na planície do convento.

Há quatro dias estava de cama, só se levantando escondido dos frades, que cuidavam dele com todo carinho e paciência, como também do grilo que apanhara e conservava vivo, cantando numa caixa de papelão com furinhos.

As únicas novidades, além da novidade da sua doença, pois tinha uma saúde de ferro, eram a permissão da presença de Mochito em sua cama e o uso

do famoso apito de Frei Dodói, com o qual o frade pedia socorro ao lhe sobrevirem as dores. O apito estava agora ao alcance do menino, bem lavado com sabão, para que pudesse chamar quando precisasse.

Justamente naquela tarde em que Marcelino, estando doente em sua cela, sem pensar uma única vez em seu amigo Jesus, o do sótão, se aplicava em martirizar o gato, soprando-lhe o apito nos ouvidos, entremeado com o canto do grilo, pareceu-lhe ouvir que o chamavam suavemente: — Marcelino...

O menino prestou muita atenção, largou o apito e sentou-se na cama, deixando escapar o gato, já farto de estar ali.

E a voz de Jesus voltou a chamá-lo:

— Marcelino...

Marcelino olhava espantado para todos os lados, não vendo ninguém e não ousando responder. Mas não havia dúvida de que era a voz do Senhor, diferente de todas, ou lembrava, quando muito, as vozes sedentas dos frades durante a seca do verão.

Pela terceira vez, o Senhor o chamou:

— Marcelino...

Desta vez o menino, ainda que visse claramente estar sozinho no quarto, respondeu com medo:

— Você está aqui?

— Sim, Marcelino, estou aqui contigo.

— Mas não estou te vendo! — disse o menino, imaginando como o Senhor poderia falar-lhe sem um corpo.

— Não tenhas medo... — disse a voz do Senhor. E acrescentou: — Pensaste em mim estes dias?

— Muitas vezes! — disse o menino. — E também que você podia estar com fome. E que, como fiquei doente por causa do calor, você já podia ter descido aqui, tão pertinho... Mas — deteve-se, olhando para todos os lados — não sei onde é que você está.

— Estou em toda parte — respondeu Jesus.

E, como o Senhor não dissesse mais nada, o menino pensou que já houvesse ido embora ou não quisesse mais falar. Por isso, disse:

— Se pudesse sair da cama sem que os frades vissem, ia te levar comida...

— Não, Marcelino, debes continuar aí e rezar para sarar. Sabes os dez mandamentos? — interrogou a voz do Senhor, depois de uma pausa.

— Todos os dez, não — reconheceu Marcelino honestamente. — Mas lembro de seis...

— Dize estes então — pediu a voz de Jesus. Marcelino, franzindo a testa para lembrar-se, começou a dizer-los enquanto o grilo cantava:

— Amar a Deus sobre todas as coisas — disse por fim.

— E tu? — perguntou o Senhor. — A quem tens mais amor?

O menino calou-se e pensou que gostava muito de Jesus, sendo ele tão amigo seu, mas que sua mãe e Manuel... Também gostava muito dos frades. E, enquanto isto, o grilo cantava.

Porém o Senhor não lhe apressava as respostas, mas deixava-o pensar. E, de repente, disse:

— Vamos ver os outros mandamentos.

— Guardar os domingos e dias santos — respondeu Marcelino, aliviado.

— E tu estás sempre direitinho na capela, como debes?

Então, Marcelino calou-se de novo, ao lembrar-se de que mais de uma vez havia amarrado os cordões de dois frades e que em outra trouxera a cabra e o gato com latas amarradas aos rabos... Também lembrou-se de que costumava chupar com um canudinho, durante a canícula do verão, a água-benta da pia, fresquinha e salgada. Enquanto isto, o grilo cantava.

Jesus disse:

— Continua...

— Honrar pai e mãe... — disse Marcelino.

— E cumpriste este mandamento?

— Não tenho pai nem mãe — disse logo o menino.

— Mas tens os frades, que te servem de pai e mãe... — lembrou-lhe Jesus.



Marcelino calou-se de novo, pensando em tantas e tantas maldades que havia feito aos frades, sendo uma última o susto pregado ao Irmão Gil. E havia também aquela história do indígena que não queria aprender religião etc... E o grilo cantava.

— Mais outro, Marcelino — dizia a voz, para animá-lo.

— Não matar — disse o menino.

E instantaneamente, lembrando-se de todos os bichos que haviam morrido em suas mãos, levou um grande susto. Porém, sabendo que agora vinha o mandamento de não roubar, manteve o firme propósito de não dizê-lo, pois havia

roubado muito para si e também para o próprio Jesus.

O grilo cantou, e a voz voltou a ressoar:

— Vamos, continua...

O menino saltou o mandamento que não lhe convinha recordar e caiu como um patinho no seguinte:

— Não mentir...

Ele havia mentido. E como! Mentira todos os dias. Havia mentido aos frades, a Manuel, (quando lhe disse que o convento era dele) e ao próprio Jesus.

Diante do seu silêncio, ponteadado pelo canto do grilo, Jesus, que sabia tudo o que Marcelino ia pensando, lhe disse:

— Logo vais ficar bom. Quero então que penses no que conversamos esta tarde. Prometes?

Naquele momento, Frei Papinha, na ponta dos pés, entrava na cela, para ver se o menino dormia. Justamente quando ele respondia a Jesus:

— Prometo. Não vou mais matar, mentir e roubar. E também vou te contar tudo quando subir ao sótão outra vez.

Frei Papinha, ouvindo isto e vendo o menino a olhar para a janela onde não havia ninguém, correu logo junto à cama, fê-lo deitar-se sobre os travesseiros e apalpou-lhe a fronte com a mão. Depois, saiu rápido da cela.

Frei Papinha correu, o quanto lhe permitia seu corpanzil, por todo o longo corredor das celas.

Esbarrou por fim na porta do escritório do Superior, onde entrou como uma tromba d'água para contar ao padre o sucedido. Tinha a voz trêmula pelo susto, pela corrida e pela vontade de chorar:

— Marcelino está pior, padre. Embora não tenha febre, fala sozinho como quem delira!

Levantava-se uma névoa no maravilhoso caminho do Anjo e do menino.

Como se prosseguissem a conversa, o Anjo disse:

— Agora te restavam poucos dias na terra...

Marcelino sorriu:

— Logo que os frades me deixaram levantar, subi para ver Jesus...

A luz ia escurecendo, sem que ele percebesse.

— Depois daquela conversa mudaste muito, Marcelino, estás lembrado?

— Mudei — disse o menino. — Os frades falavam que era por causa do sol que eu havia apanhado no dia das galinhas...

— Mas não era isso: o que sentias era nostalgia de Deus.

— E que quer dizer nostalgia?

— Ausência daquilo que a gente ama.

— Ausência?

— Sim; tu desejavas já estar com Deus.

— Mas eu já estava com ele — desafiou o menino.

— Estavas com ele somente na terra. Já não estamos na terra.

Marcelino queria ver onde estavam, mas não conseguia e perguntou:

— Onde estamos?

— No ar, Marcelino.

O menino olhou então a escuridão que aumentava.

— Por que está ficando escuro?

— É a última sombra que nos resta atravessar antes de chegarmos à presença do Senhor.

— E vou ver Ele antes?

Reinava a escuridão. Os corpos do menino e do Anjo brilhavam timidamente como um leve desenho.

— Não, Marcelino. Antes, finalmente, irás ver tua mãe.

— E quando será? — ressoou impaciente a voz do menino.

— Olha lá longe!

Marcelino olhou e viu uma luzinha.

— E outro Anjo? — perguntou.

— Prepara-te. É alguém que gostarás muito mais de ficar conhecendo.

A luzinha crescia e ia tomando a forma de um ser humano. Marcelino estava em silêncio, ansioso por ver. O Anjo ergueu a voz e disse:

— Este que te trago é Marcelino Pão e Vinho, o amigo do Senhor.

A figura, já visível, se detivera com as mãos juntas: era uma mulher bem jovem.

— Você é minha mãe! — gritou Marcelino, tentando correr ao seu encontro.

Contudo, alguma coisa o impedia, e disse ao Anjo:

— Não consigo correr!

Caminharam pois até Elvira. E, quando chegaram perto, ela estendeu os braços para o menino, exclamando:

— Meu filho!

Marcelino só conseguia olhar, sem dizer palavra. A bela jovem tinha os cabelos soltos sobre os ombros.

Então, o menino desprende-se da mão do Anjo e caminhou ofuscado até Elvira. E disse apenas:

— Quero te dar um beijo!

Permaneciam abraçados na presença do Anjo, até que Marcelino pediu:

— Quero que me digas “meu filhinho querido”.

E Elvira, com o rosto encostado ao do filho, respondeu:

— Meu filhinho querido...

— E também “meu amor”.

— Meu amor...

— E “tesouro da minha vida”.

— Tesouro da minha vida!

— E “filho do meu coração”.

— Filho do meu coração!

— Quero que você diga também “sou sua mãe” e “agora você tem mãe”.

Ela repetia tudo, quase imperceptivelmente, como um arrulho de pomba.

— E quero que você me mande dormir... — ouvia-se Marcelino dizer.

Então, finalmente, o menino descobriu uma coisa:

— Já não tenho corpo...

— Isto não tem grande importância, meu filho, pois estamos na glória de Deus...

— Mas não sinto você como sentia na terra. Não posso te tocar com as mãos...

E os dedos de Marcelino percorriam ansiosos o traço luminoso das faces, das sobrancelhas e dos lábios de sua mãe.

— Eu sempre pensava em você — declarou o menino.

— Eu também nunca deixei de pensar em ti — respondeu Elvira.

— Já não temos mais corpo — repetia o menino.

— Mas o teremos de novo no dia do Senhor...

— E quando será isso?

— Como demoraste, Marcelino!

— Vim, porque Jesus me trouxe.

O Anjo tomou-os consigo e os fez caminhar novamente em sua companhia.

Então começou a ressoar, muito de leve, uma suave música. O menino perguntou:

— Quem está tocando?

— Não é uma música como as que tu conheces — disse o Anjo. — É a voz das almas que vivem aqui.

A sombra foi se dissipando ao som daquela música, enquanto o espaço voltava a resplandecer em torno deles.

A música ia aumentando pouco a pouco e as frases da mãe e do filho só eram ouvidas de quando em quando; mas parecia que Elvira estava contando a história de sua vida.

— Eu não queria te abandonar, meu filhinho, mas foi preciso..

— Você sentiu muita dor quando morreu?

— Nenhuma, Marcelino, e logo encontrei-me aqui — ressoava sua voz, quase como a voz de uma criança.

— E meu pai? — perguntou ele de repente.

— Teu pai ainda vive, por isso não está aqui.

— E quando subirá?

— Isto, Marcelino, só Deus sabe — disse o Anjo.

Então aconteceu pela primeira vez um fato estranho: um frade velhinho, acompanhado por outro Anjo, passou-lhe à frente no caminho.

Marcelino olhou e reconheceu Frei Dodói. Não pôde impedir-se de gritar com todas as forças:

— Frei Dodói!

Porém o Frade nem voltou a cabeça, prosseguindo com grande afã o seu caminho.

— Não me viu! — disse Marcelino.

— Já não vê nada aquele santo — declarou o Anjo. — Só vê a Deus.

— E por que passou na nossa frente?

— Vai mais depressa, Marcelino, porque não tem o espírito tão apegado à terra como tu...

— Então ele morreu! — descobriu Marcelino de repente.

— Sim, Marcelino; seu corpo morreu depois do teu, talvez de alegria por saber que estás aqui, e de pesar por ter precisado permanecer mais tempo lá embaixo...

A luz crescia prodigiosamente, a ponto das figuras parecerem enevoadas, enquanto a música ia se tornando cada vez mais clara, penetrante e bela.

Porém o menino fitava o Anjo de olhos arregalados, porque agora, transformado, estava diante dele com asas e vestido de branco, uma maravilha!

O menino ia dizer-lhe alguma coisa, quando o Anjo ergueu o braço e disse:

— Repara, Marcelino, no que vês agora.



Era como uma pirâmide de luz que brilhava diante deles. Elvira disse:

— É Maria, Marcelino, a quem tanto pedi por ti.

Aquela grande luz se deslocava ou parecia deslocar-se lentamente, mas sem parar, enquanto Marcelino, ofuscado por tanto esplendor, só pôde dizer:

— Como você é bonita!

Logo quis conversar com a Virgem, mas nada lhe acudiu senão aquela frase de São Francisco, tantas vezes ouvida dos frades:

— És o palácio de Deus.

A luz cresceu ainda mais. Marcelino e sua mãe caíram de joelhos, pois parecia que um imenso sol se aproximava e os envolvia em sua luz ofuscante,

onde se desenhou muito delicada, e como em ouro, a figura de uma cruz sem o Cristo. Mas uma voz inconfundível dizia:

— Tive fome, e me deste de comer; tive sede, e me deste de beber...

Durou um instante a visão, enquanto Marcelino e a mãe permaneceram mergulhados na indescritível luz do Senhor.

— Reconheceu a voz? — perguntou ela num sussurro.

— Reconheci — disse o menino. — É a voz de Jesus.

Voltou-se para olhar melhor a luz, e esta se tornou tão maravilhosa e forte como pouco antes.

Até que foi diminuindo de tamanho, enquanto a música também se tornava mais suave, e acabou transformando-se numa simples estrela, como as outras do firmamento terrestre.

E, por fim, aquele pedaço do céu, agora longínquo, estava como que emoldurado por uma janela, pela qual o fitava um frade gordo, a contar as estrelas em voz alta, apontando-as com o dedo:

— Onze estrelas, doze estrelas, treze estrelas... — E então parou, depois de soltar um suspiro, acrescentando apenas: — Doze estrelas. E, com Marcelino, treze.

Epílogo

Já fazia tempo que Marcelino Pão e Vinho adormecera uma tarde, no Senhor, e que as cabras tinham acompanhado seu enterro.

Por alguns meses o convento parecia outra casa, habitada por outras pessoas além de Frei Papinha, Frei Porta, Frei Blém-Blém e do Padre Superior. Em troca, como já sabemos, haviam empreendido grandes obras. O convento se transformava pouco a pouco, a começar pela considerável modificação na capela, para que ali coubesse de pé o grande Cristo que conversara tantas vezes com Marcelino. Para isso foi preciso retirar Frei Dodói de sua cela e arranjar-lhe outra no primeiro andar, embora o pobre velho tivesse piorado muito depois que Marcelino partira.

Estas obras eram empreendidas sobretudo por causa de Marcelino e com dinheiro seu: depois do enterro todos os povoados dos arredores haviam oferecido donativos ao convento. Reformou-se também a horta, cujo terreno foi ampliado.

Ao desmancharem os muros de taipa, deram com as pedras onde Marcelino guardava o seu tesouro: a pala de galinha, o três de copas, a caixa de pó e pedaços de pau. Sabendo disso, o Padre Superior determinou que os irmãos mais moços, encarregados da obra, enterrassem o tesouro que haviam levado para a cela; porém, bem mais fundo, para que tudo fosse encontrado por Marcelino no dia do Juízo Final.

Os frades amigos de Marcelino consolavam-se com o pensamento de que naquele dia, ainda que o menino estivesse enterrado longe deles, poderiam dar uma corrida para juntar-se a ele, comparecendo todos juntos ante o Senhor que os chamasse.

Finalmente, foi o Cristo colocado com grande pompa, sem que faltasse o canto de Frei Melro, no lugar preparado, isto é, atrás do altar-mor, um pouco acima do quadro de São Francisco. Devia continuar sempre ali, bem no alto, pois

os novos tetos o permitiam, permanecendo São Francisco, como sempre o desejara, aos pés do Senhor.

Já não existiam a antiga ceia de Frei Dodói, o depósito, nem sequer o sótão, onde Marcelino Pão e Vinho tantas vezes subira.

Entre os frades mais velhos conservava-se muito viva a lembrança de Marcelino. Frei Melro foi quem pintou de memória, pois não era um artista só em música, um retrato do menino. A princípio o Padre Superior guardou-o consigo, mas logo Frei Dodói o pediu, tendo sido então pendurado em sua nova cela. Não é à toa que se costuma dizer “gaiola nova, pássaro morto”. Pois Frei Dodói, uma bela noite, sem que ninguém percebesse, enrijeceu e subiu ao céu, que tanto fizera por merecer. Foi enterrado no cemitério da horta, com os outros frades, e acabou-se Frei Dodói. Alguns o invejavam, porque estaria não apenas com Nosso Senhor e São Francisco, mas também Marcelino, que nenhum deles esquecia.

Vieram novos frades, que já não eram chamados por apelidos, ruas sim pelos verdadeiros nomes, como Frei Anastacio, Frei Antunes, Frei Olmo, e também um muito baixinho, que se chamava Irmão Ambrosio. Até os frades antigos foram deixando de chamar-se como Marcelino os chamava, embora Frei Papinha costumasse pedir, por favor, que o chamassem pelo apelido; se alguém dizia Frei Tomás, seu verdadeiro nome, ele o corrigia suavemente, dizendo:

— Por favor, Vossa Paternidade me chame de Frei Papinha.

Quando colocaram o grande Cristo em seu lugar, parecia que a comunidade começava uma vida nova: Frei Papinha recordava a origem daquele Cristo, história que todos os antigos companheiros conheciam, mas haviam esquecido.

Sucedera que sete anos atrás, que eram justamente os que Marcelino Pão e Vinho iria completar se o Senhor não o tivesse levado, uma grande dama do povoado mais importante, que se chamava Dona Clarimunda e tinha muitíssimo dinheiro, havia pedido aos frades rezarem por seu filho Marianito, que estava numa região em guerra, embora não a fizesse, para que voltasse são e salvo. E ele voltara.

Então Dona Clarimunda que era, como dissemos, uma senhora riquíssima, não sabendo como recompensar os frades que haviam rezado por Marianito, ofereceu-lhes o grande Cristo adquirido em sua juventude, mas na verdade um

grande estorvo, pelo tamanho, em sua casa tão luxuosa. E Dona Clarimunda se chamava também Dona Generosa, bem o sabia o Padre Superior.

O Superior não quis aceitar o presente, pois os frades não podiam possuir nada de próprio; mas Dona Clarimunda Generosa o mandou assim mesmo para o convento, por um criado de nome Macario.

Sendo verão, Macario preferiu viajar à noite, colocando o grande Cristo sobre uma gigantesca mula de Dona Clarimunda, que o levou até o convento.

Caminharam a noite inteira, balançando-se o Cristo sobre o lombo da mula. Ao amanhecer, talvez pelas gotas de orvalho, parecia realmente estar suando, o que assustou Macario. Chegando ao convento, o Cristo, a mula e Macario foram recebidos pelo irmão porteiro. Este irmão era ainda o mesmo que recolhera Marcelino na noite em que o haviam abandonado. Como morreu pouco depois, o menino não chegou a conhecê-lo.

Teria Marcelino dois ou três meses quando muito e estava ainda no berço, que era um berço de embalar. E era sobretudo Frei Papinha quem muitas vezes sentava-se ao lado, descascando batatas ou outra coisa, enquanto o movia com o pé.

E foram surgindo os frades para contemplar o presente de Dona Clarimunda, que o padre Superior só aceitou como empréstimo. Todos se encarregaram de retirar o Cristo, demasiado grande, deixando-o primeiro no chão. Em seguida tentaram entrar com ele pela porta, o que deu muito trabalho; mas, quando entrou, tinha-se a impressão de que nunca mais poderia sair. Tiveram porém que retirá-lo de novo, pois não passava pela porta da capela e por nenhuma outra.

Outra vez no pátio, o Padre Superior ordenou que desarmassem a cruz, retirando a haste longa e vertical, tendo o Cristo ficado preso somente pelas mãos à trave horizontal. Frei Papinha lembrava que Frei Dodói, embora ainda não estivesse tão dodói e que era o mais sábio, tinha dito:

— Foi assim mesmo que fizeram com Nosso Senhor, porque primeiro o pregaram na trave menor e depois, com auxílio de corda, ergueram-no sobre a trave maior, que já estava plantada no chão do Calvário.



Frei Papinha já não se lembrava mais quem levantara do chão a trave maior, que por pouco não matava Marcelino, tendo caído ao lado do berço, o que o fez despertar chorando. Então, o Superior determinou que levassem o enorme Cristo para o sótão, onde o teto era mais alto, o que fizeram com grande dificuldade, dado o péssimo estado da escada.

Frei Papinha lembrava tudo isso melhor que ninguém, a não ser o Padre Superior, que tudo sabia. E, sentado à porta da cozinha, junto ao grande caixão de lenha, Frei Papinha pensava em Marcelino de tal modo, que às vezes parecia vê-lo de verdade, ou escutar barulhos que só o menino costumava fazer; então se

assustava e punha-se de pé, embora isto lhe custasse enorme esforço, por já estar bastante velho.

E, pelo resto da vida, jamais poderia esquecer o que vira pela porta do sótão, embora não o contasse a ninguém, porque assim aconselhara o Padre Superior; na verdade era muito belo que ele houvesse visto Cristo a rir com Marcelino Pão e Vinho, mas nem todos poderiam entendê-lo.

E foi por esses dias, quando fazia um ano que Marcelino partira em seu caixão cheio de flores, acompanhado pelo cântico dos frades, a marcha fúnebre da banda do povoado, e com a Guarda Civil trazendo os cavalos pelas rédeas, que Dona Clarimunda, Dona Generosa ou que nome tivesse, ficou sabendo do milagre do Cristo que na verdade era seu. Resolveu então visitar o convento, para ver a imagem e verificar por si mesma se o Cristo falava. No caso afirmativo, estava decidida a tomá-lo dos frades, ainda que o houvesse oferecido de presente.

Dona Clarimunda fez atrelar sua carruagem a quatro soberbos cavalos e, escoltada por seu filho, Marianito, pelo administrador de suas quintas e de sua dama de companhia, belíssima jovem de nome Celeste, irrompeu uma tarde no convento, já limpinho e com as obras terminadas.

A grande dama se apresentou aos frades como dona do grande Cristo.

O Padre Superior e os antigos frades foram recebê-la cheios de dedinhos, pois era pessoa muito importante, e acompanharam-na até a capela. O padre Superior cogitava da conveniência de organizar logo uma bela cerimônia com música e o resto, embora para pedir secretamente a Deus que a velha não lhes tomasse agora o Cristo de Marcelino.

Logo que chegaram à capela e a dama olhou atentamente o Cristo, examinando-o por todos os lados e até mesmo apalpando-lhe as pernas, pediu aos frades se poderiam deixá-la sozinha com ele e seu filho Marianito. Os frades retiraram-se, achando natural que ambos quisessem rezar a sós.

E a senhorona plantou-se diante do Cristo, com seu chapéu de plumas e fitas, suas vastas saias de seda, seu corpete florido, anéis em todos os dedos, e pôs-se a falar com a imagem. Recordou-lhe longamente que sua família havia gasto muito dinheiro com os pobres, sendo que ela própria dera uma infinidade de esmolas, bondades e sacrifícios. Queria ver se agora o Cristo não ia conversar com ela como com aquele pobre pé-rapado que era Marcelino.

Então, Marianito disse ao Cristo que falasse logo, porque era sua mãezinha que pedia, ela que nunca pedira nada a ninguém.

E Nosso Senhor Jesus Cristo, bem sabendo que Dona Clarimunda ou Dona Generosa não se chamava somente assim, mas ainda Dona Sofia da Santíssima Trindade dos Anzóis e Carapuça Gomes Pimpão, nem sequer a olhava, como também a Marianito, mantendo imóveis os lábios empoeirados. Por mais que a velha ricaça e o senhorito seu filho lhe fizessem censuras e fanfarronadas com a história das suas caridades e bondades, o Cristo de Marcelino Pão e Vinho não disse “esta boca é minha”.

Quando a carruagem partiu do convento pouco depois, com sua carga de jóias e perfumes, o Padre Superior ergueu os olhos para o céu em sinal de gratidão, e os antigos frades entraram em seguida na capela, prostrando-se aos pés do Cristo de Marcelino Pão e Vinho, como a dizer-lhe:

— Obrigado, Senhor, por haveres desejado permanecer mais tempo com teus pobres frades.

* * *